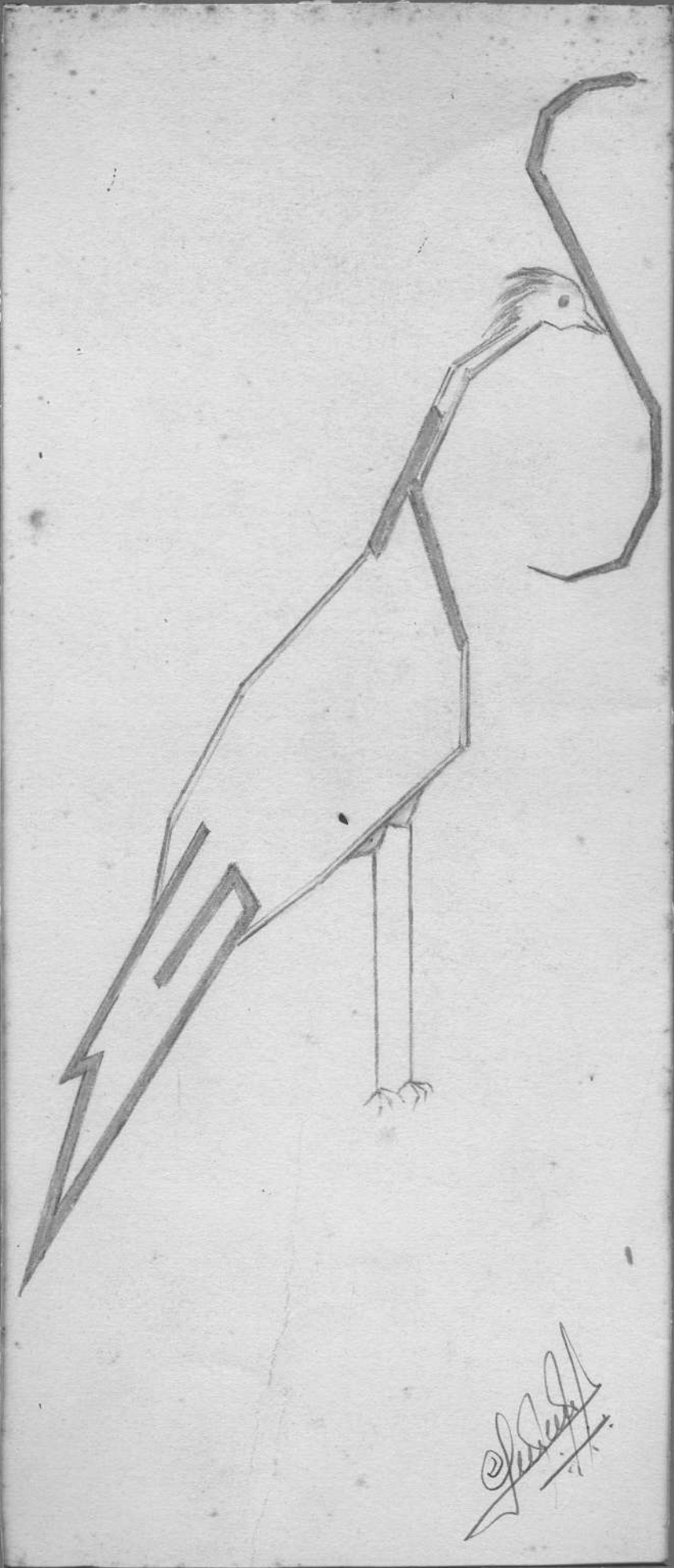


CLASSES

EXPERIMENTAIS

- SOCORRO -

12.



*[Handwritten signature]*  
1911

GUIA TURÍSTICO  
DE  
SOCORRO

ELABORADO PELOS ALUNOS

DA 4ª SÉRIE

EXPERIMENTAL

SOCORRO, banhada pelo rio do Peixe, que a atravessa em sentido longitudinal, e em belas curvas serpenteantes, é uma cidade pequena, de clima magnífico, de paisagens lindas. 5 pontes, 4 sôbre o rio do Peixe e uma sôbre o ribeirão dos Machados, emprestam-lhe um encanto todo especial. A "Morena da Fronteira" oferece ao turista, que não teme longas caminhadas, passeios belíssimos - ao longe do rio.

Rio, montanha, fontes, saltos e asseriemas, de "vezes"lamentosas e gritos estridentes são características de Socorro.

Junto às fontes de Pompéia se encontram em grande quantidade, feldspato de tons rosa claro ao roxo escuro. O seu solo é propício à cultura de flôres: são notáveis pela beleza rosas, - manacás, jasmim de Cabo e hortênsias.

Uma subida até ao Colégio se impõe - ao turista, pois de lá se descortina belíssima panorama.

"="="="="="="="="="="="="="="="

TARDES DE LINDÓIA

( De caderno de notas de uma informante )

Diva Pulino era filha de Francisca - Camargo Pulino, cunhada de Dr. Tezzi, primeiro - proprietário de Águas de Lindóia. Desde muito cedo mostrou-se a menina com tendência para a música, dedicando-se ao estudo de piano. Aos 11 anos tendo prestado exame no Conservatório, foi admitida com distinção e louvor. Era frequente a visita de Diva e seu pai a Águas de Lindóia. Lá tiveram a oportunidade de conhecer o famoso Zequinha de Abreu, que se interessou muito pelo talento da moça. Faziam serões musicais no Hotel Glória, perto da casa de Dr. Tezzi, e aí, ambas davam expansão às suas almas de artistas. Tendo composto a valsa "Tardes de Lindóia", Zequinha de Abreu dedicou - a à sua amiga Diva.



te; apreciando as belas paisagens que cercam a cidade, respirando o puro ar de suas montanhas, bebendo ou banhando-se em suas águas radioativas, - que já prevaram suas propriedades medicinais, o turista, além de se divertir, está armazenando saúde para mais um período de trabalho que o espera em sua cidade.

Per ocasião dos festejos carnavalescos, apresentam-se nas ruas de Secerre rices e originais carros alegóricos bem como animados blocos de feliões. Durante as quatro noites de Carnaval, o Clube XV de Agôsto oferece quatro bailes nos seus salões artisticamente ornamentados, proporcionando muita alegria e animação em um ambiente saudável.

Nos dias 13, 14 e 15 de agosto realizam-se as tradicionais Festas de Agôsto, cuja principal atração é a Barra das Benecas, onde são sorteadas benecas vestidas com muito bom gosto. Durante as festas há três bailes no Clube XV.

#### RECANTOS PITORESCOS:-

LÉPORE:- Distância - 2 km. Estrada pedregulhada, acompanhando as sinuosidades do Rio de Peixe.

RANCHO ALEGRE:- Distância - 3 km. Situada 1 km adiante de Lépere.

MONJOLINHO:- Distância - 7 km. Situada na mesma estrada do Rancho Alegre.

SALTINHO:- Distância - 4 km. Estrada asfaltada. Ônibus a toda hora.

SALTO GRANDE:- Bela queda d'água, entre Secerre e Lindéia. Estrada asfaltada.

Os passeios ao Saltinho, Lépere, Rancho Alegre e Menjelinho, além de proporcionarem ao turista uma bela sucessão de panoramas típicos desta região montanhosa cortada pelo Rio de Peixe, possibilitam refrescantes banhos de DUCHA, bem como a prática da pesca, natação e remo.

FONTES:- A Estância de Secerre conta com as fontes São Bento, no perímetro urbano, no início da estrada asfaltada para Lindéia e Serra Negra, e as fontes de Pompéia ( duas ), a 3 km da sede municipal, situadas em lugar belíssimo. Água radioativa. Temperatura 23°C e 20°C, respectivamente.

Devido às propriedades medicinais de suas águas, aumenta dia a dia o número de pessoas que aqui vêm em sua procura. As águas de Socorro são indicadas para doenças da pele, fígado, rins, bexiga, e principalmente para o tratamento de DIA BETES.

MEIOS DE TRANSPORTE :-

I - RODOVIÁRIO :-

Empresa Granato - Rápido Socorrense

<u>LINHAS</u>	<u>HORÁRIOS</u>
1) A. de Lindóia a S.Paulo...	7h; 12h; 15h.
2) Socorro a Bragança .....	6h40m; 11h40m.
3) A. de Lindóia a Itapira...	8h 50m.
4) A. de Lindóia a Serra Negra	6h 30m; 11h.
5) Socorro a Bueno Brandão ..	15h.
6) S.Paulo a A.de Lindóia ...	8h; 14h; 16h15m;18h 30m.
7) Bragança a Socorro .....	12h; 16h 30m.
8) Itapira a A. de Lindóia ..	14h 40m; 17h.
9) Serra Negra a A.de Lindóia	7h 50m; 13h.
10) Bueno Brandão a Socorro ..	5h 40m.
11) Socorro a São Paulo .....	7h; 7h40m; 13h 10m; 15h 40m.

Viação Serrano

Socorro - Saída .....	7h; 14h 30m.
Campinas - Saída .....	9h; 17h.

Viação Bragantina

Socorro - Ouro Fino .....	9h 15m; 19h 15m.
Socorro - São Paulo .....	8h; 16h 40m.

Preços :- Socorro a Ouro Fino - R\$ 295,00  
Socorro a São Paulo - R\$ 590,00

DISTÂNCIAS EM QUILOMETROS POR RODOVIA :-

Socorro a São Paulo .....	140km
Socorro a Bragança Paulista .....	50km
Socorro a Águas de Lindóia .....	20km
Socorro a Itapira .....	50km
Socorro a Serra Negra .....	34km
Socorro a Bueno Brandão .....	33km
Socorro a Lindóia .....	20km
Socorro a Campinas .....	113km

PREÇOS DAS PASSAGENS :-

Socorro a São Paulo .....	₹ 1 180,00
Socorro a Bragança Paulista .....	₹ 480,00
Socorro a Águas de Lindóia .....	₹ 240,00
Socorro a Itapira .....	₹ 260,00
Socorro a Serra Negra .....	₹ 295,00
Socorro a Bueno Brandão .....	₹ 350,00
Socorro a Campinas .....	₹ 940,00
Socorro a Lindóia .....	₹ 180,00
Socorro a Amparo .....	₹ 440,00
Socorro a Pedreira .....	₹ 396,00
Socorro a Jaguariuna .....	₹ 455,00

II - FERROVIÁRIO

Companhia Mogiana de Estradas de Ferro

Sai para Campinas ..... 4h20m; 13h 15m.

Chega em Campinas ..... 12h40m; 22h30m.

Sai de Campinas ..... 8h; 19h 50m.

DISTÂNCIAS EM QUILOMETROS POR FERROVIA :-

Socorro a Campinas .....	111km
Socorro a Jaguariuna .....	80km
Socorro a Amparo .....	50km
Socorro a Monte Alegre do Sul .....	33km
Socorro a Arcadas .....	60km
Socorro a Três Pontes .....	43km
Socorro a Visconde de Soutelo .....	18km
Socorro a Barão de Ibitinga .....	12km

PREÇOS DAS PASSAGENS :-

	<u>PRIMEIRA CLASSE</u>	<u>SEGUNDA CLASSE</u>
Socorro a Monte Alegre ..	₹ 360,00	₹ 240,00
Socorro a Amparo .....	₹ 230,00	₹ 150,00
Socorro a Pedreira .....	₹ 320,00	₹ 210,00
Socorro a Jaguariuna ....	₹ 360,00	₹ 240,00
Socorro a Campinas .....	₹ 550,00	₹ 350,00

TRANSPORTES URBANOS :-

I - AUTOS DE ALUGUEL :-

a) Ponto à Rua José Angelo Calafiori- Fone 81- Possui 13 autos, sendo 2 fechados e os demais do tipo "Fordinho".

Preços: ₹ 250,00 a corrida na cidade e a qualquer parte do município, a combinar.

b) Ponto de táxi-mirim - à rua 13 de Maio- Fone 310- Possui 2 carros.



Preços:- R\$ 100,00 a corrida na cidade e a qualquer parte do município, R\$ 20,00 por km.

## II - CHARRETE

Ponto em frente à Farmácia Pindorama - Rua 13 de Maio. Somente existe uma charrete e trabalha só aos domingos.

Preço: R\$ 350,00 a hora.

## MEIOS DE COMUNICAÇÃO :-

- 1) Companhia Telefônica - Travessa Siqueira Campos. Horário : das 6 às 22 horas.
- 2) Agência de Correio - Rua Dr. Alfredo Carvalho Pinto - Horário: das 8 às 18 horas.
- 3) Bancas de revistas e jornais - Rua Campos Salles - Empresa Granato - Fone 159.

## HOTÉIS :-

GRANDE HOTEL VERGANI :- Rua Dr. Carlos Norberto , 180- Fones: 300 e 301.

Preços: Solteiro - Apartamento - R\$ 4 500,00  
Casal - Apartamento - R\$ 8 000,00

LOMONICO HOTEL :- Avenida Dr. Rebouças, 20 - Fone 149.

Preços: Solteiro - Apartamento - R\$ 2 500,00  
Casal - Apartamento - R\$ 5 000,00

HOTEL SÃO LUIZ :- Rua Campos Salles, 127 - Fone 251.

Preços: Solteiro - R\$ 1 800,00  
Casal - R\$ 3 600,00

HOTEL OLIVEIRA :- Rua Campos Salles, 43- Fone 139.

Solteiro - R\$ 2 000,00  
Casal - R\$ 3 800,00

PENSÃO FAMILIAR :- Rua Campos Salles, 104-Fone 270.

Solteiro - R\$ 2 000,00  
Casal - R\$ 4 000,00

PENSÃO SOCORRENSE :- Rua Campos Salles, 122 - Fone 71.

Solteiro - R\$ 1 200,00  
Casal - R\$ 2 400,00

## RECURSOS MÉDICOS :-

Socorro conta com o Hospital "Dr. Renato Silva".

Detalhes Principais :- Raio X, Sala de Operações ( balão de oxigênio e aspirador ), Maternidade, Berçário, Estufa, Sala de Curativos, Sala de Partos, Farmácia.

Pôsto de Puericultura: Funciona das 7 às

12 horas.

MÉDICOS :-

Dr. Mario Fonseca Pares: Praça Coronel Olimpio G. dos Reis, 247 - Fone 97.

Dr. Hallim Feres:- Rua 15 de Novembro, 274 - Fone 95.

Dr. Sebastião de Camargo Marques :- Rua 13 de Maio, 142- Fone 106.

Dr. João Baptista Pedroso de Campos:- Praça Coronel Olimpio G. dos Reis, 250- Fone 266.

FARMÁCIAS :-

Farmácia São Francisco :- Rua Padre Antonio Sampaio - 91- Fone 150 - Oswaldo Paiva.

Farmácia São Paulo :- Rua 13 de Maio, 75 - Fone - 148 - Alvarim Pires do Couto.

Farmácia Nossa Senhora do Socorro:- Rua Campos Salles, 40 - Fone 56- Laercio Picarelli.

Farmácia Pindorama:- Rua 13 de Maio, 11 - Fone 27- Nilo Bourdot Dutra.

CLUBES :-

Rotary Clube: Reuniões aos sábados no Hotel Vergani.

Clube XV de Agosto : Praça Cel. Olimpio G. dos Reis - Piscina - Salão de Danças - Salas de Jogos e Recreações.

CINEMAS :-

Cine Cavaleri Orlandi - Rua Campos Salles - Sessões diárias às 20 horas.

Cine Socorro :- Rua 13 de Maio - Sessões diárias às 19,45 horas.

REPARTIÇÕES PÚBLICAS :-

Caixa Econômica Estadual : Rua Campos Salles, 95 - Fone 55 - Horário: das 12 às 18h 36m.

Coletoria Estadual : Rua 13 de Maio, 210 - Horário - das 12 às 18h 36m.

Posto Fiscal Estadual : Rua 13 de Maio, 210 - Horário: das 12 às 18h 36m.

Coletoria Federal : Praça Cel. Olimpio G. dos Reis, 134- Horário: das 11h 30m às 15h 30m.

Prefeitura Municipal: Rua Campos Salles, 275 - Horário: das 12 às 17 horas.

I.B.G.E. : Praça Cel. Olimpio G. dos Reis, 275 .

Cartórios:-

Registro de Imóveis : Rua Campos Salles, 242 - Ho  
rário- dias úteis: das 8 às 11 horas; das 13 às  
17 horas. Sábados - das 8 às 12 horas.

Cartório do 1º Ofício : Rua Campos Salles, 78- Ho  
rário- das 8 às 11 horas; das 12 às 17 horas.

Cartório do 2º Ofício : Rua Marechal Deodoro- Ho  
rário- das 8 às 11 horas; das 12 às 17 horas.

Escrivão de Paz e Oficial de Registro Civil - Pra  
ça Cel. Olimpio G. dos Reis, 104.

INFORMAÇÕES RELIGIOSAS :

Igreja Católica: Missas aos domingos: 6h 30m no  
Hospital.

7h; 9h e 17h na Matriz.

Missas nos dias úteis : horário  
variável entre 7h e 8h 30m.

Rezas tôdas as quartas-feiras às  
19 horas.

Igreja Protestante :

Adventista do 7º dia : Rua Dr. Luiz Pizza. Culto  
aos sábados às 10 horas.

Congregação Cristão do Brasil : Avenida Bernardi-  
no de Campos. Culto todos os dias às 19h 30m.

Centro de Estudos Psíquicos "Allan Kardec"- Rua  
Sebastião T. de Paiva, 88 - Terças e quintas fei-  
ras às 20 horas.





INDÚSTRIA CASEIRA E ARTESANATO

Rosina Favari Felício ( Dona Rosinha )

Rua Marechal Floriano Peixoto, 275

Maria Marques Franco ( Dona Mariquinha )

Rua Marechal Floriano Peixoto, 297

Olivia Meloni Leme ( Dona Olivinha )

Rua Marechal Floriano Peixoto, 269

DOCES FEITOS EM CASA: Bananada, goiabada, etc..., assim como abóbora cristalizada. Têm constantemente para vender.

Ondina Ruggiero Beneduzzi

Rua General Glicério

Elza Ruggiero Zucato

Rua 15 de Novembro, 213

DOCES DE ANIVERSÁRIO, BOLOS CONFECCIONADOS: Recebem encomendas.

Adair Vacari

Rua Campos Salles, 137

Ermelinda Tavares de Moraes

Travessa 11 de Junho, 308

TRABALHOS DE CROCHÊ: colchas, centros de mesa, etc. Não têm estoque, só vendem por encomenda.

Cleufe Aparecida Dias

Rua Marechal Floriano Peixoto, 413

BOLSAS DE SISAL, CELOFANE, CORDA, ETC.

Ariel de Marco

Rua Marechal Floriano Peixoto, 164

SAIAS DE FELTRO, BORDADOS À MÁQUINA, COLCHAS, JOGOS DE SALA, LENCÓIS, ETC. Tem estoque permanente e também recebe encomendas.

Emilia Calafiori

Rua Marechal Floriano Peixoto

JOGOS DE NANDUTI

Elza Ruggiero Zucato

LENCÓIS BORDADOS, COLCHAS DE PIQUÊ, AVENTAIS, ENXOVAL DE BEBÊ, TODOS A MÃO.

Catarina Rachid

Rua José Bonifácio, 29 - SAIAS DE FELTRO - Tem estoque e também faz encomenda.

Conceição Zia Conti - Avenida Bernardino de Campos  
BICHOS DE FELTRO, BOLSAS DE PLÁSTICO, RÁFIA, JAPONAS.

Luiz de Souza Pinto : Rua 13 de Maio, 245. FAZ SANTOS DE MADEIRA.

## A LENDA DO NĀNDUTI

" Numa tribo guarani, em tempos que já vão longe, preparava-se o casamento do filho do cacique com uma jovem. Desejando acrescentar aos presentes que destinava à sua noiva, uma pele-de jaguar, pôs-se o rapaz um dia em campo. Surpreendido pela noite em plena mata, amarrou -- alguns cipós ao tronco de uma árvore, e embora não estivesse convenientemente armado para acampar assim, ali adormeceu. Nunca mais tornou à taba. Tôdas as tentativas dos seus para encontrá-lo foram vãs. Muitos anos depois, por acaso, um caçador de sua tribo veio deparar - sob a imensa árvore, no meio da mata, um esqueleto humano, ao lado de uma ossada de onça. Junto estavam um arco, flechas e outros objetos - que foram reconhecidos como pertencentes ao filho do cacique. As aranhas se tinham aninhado entre os ossos do rapaz. E como que no propósito de dar mortalha digna a quem morreu no desejo - de agradar à sua amada, haviam tramado tecido finíssimo, que os envolvia completamente. A noiva-viúva, cuja dor nunca encontrava consôlo, ao ver aquilo, sentiu zêlo das aranhas artistas. - Não queria admitir a idéia de que outrem que - não ela se houvesse ocupado em proteger os restos do seu morto. Durante longo tempo, todos os dias, embrenhava-se na floresta. Ia aprender a tecer com as aranhas... E cada vez que o tempo destruía a mortalha que cobria os restos do bem amado, uma outra de tecido mais rico e mais delicado, tecido à feição da teia das aranhas, vinha cobrí-los novamente. Pelo amor e pela constância obtiveram assim os índios a arte do nānduti.

Do livro:

A TECEDORA DE NĀNDUTI

de Gastão Penalva

|/|/|/|/|/|/|/|/|/|

FOTOGRAFIAS TIRADAS POR PROFESSORES DO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "NARCISO PIERONI"  
PARA O GUIA TURÍSTICO DE SOCORRO







POMBAL DO I.E.



CLUBE XV



FONTE SÃO BENTO



MONJOLINHO



I.E. - ANEXO



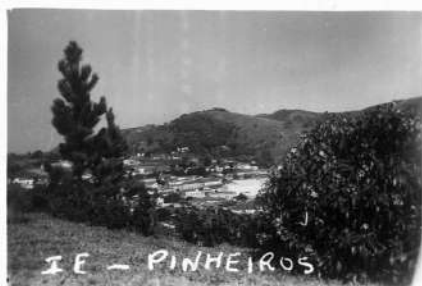
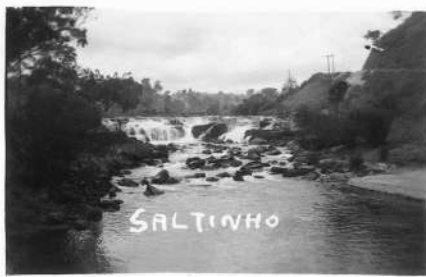
HOTEL LOMONICO



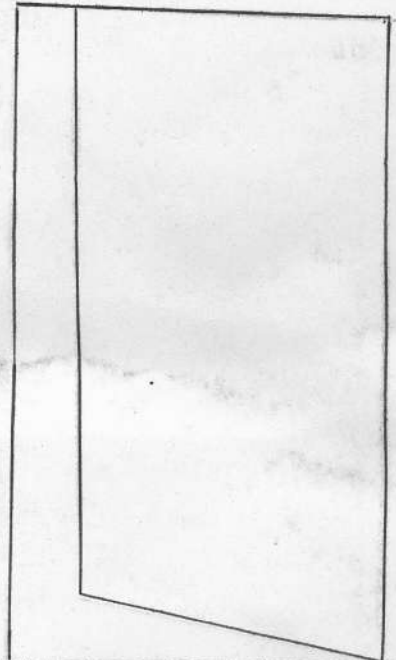
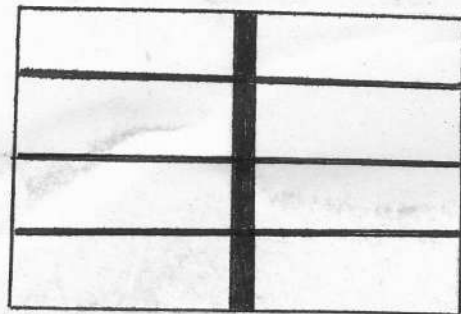
FONTE POMPEIA



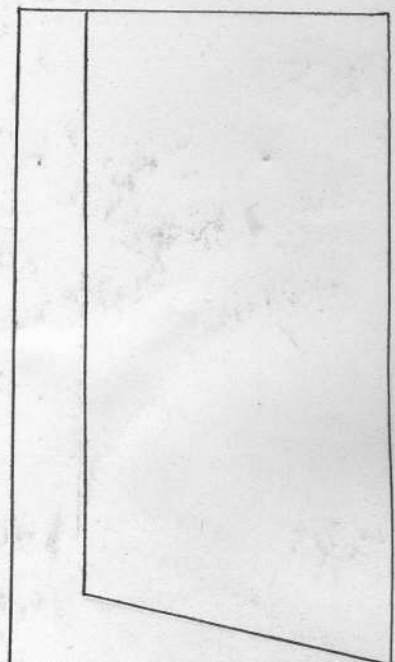
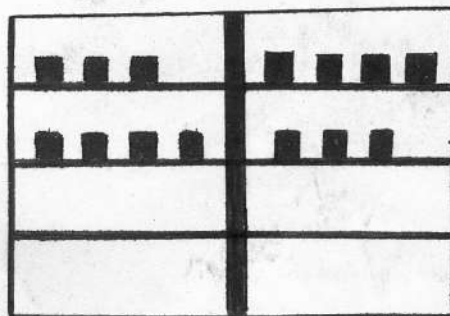
JARDIM DA CADEIA



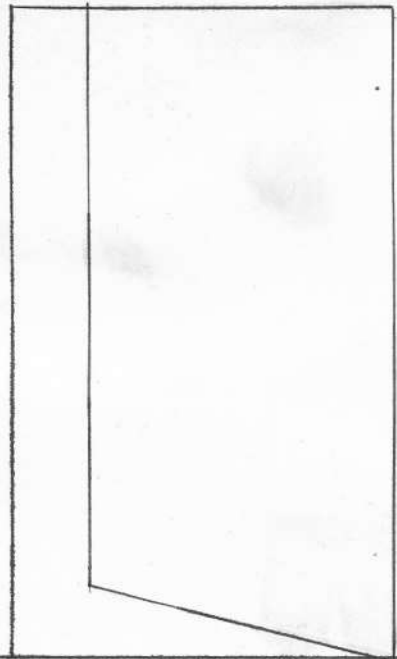
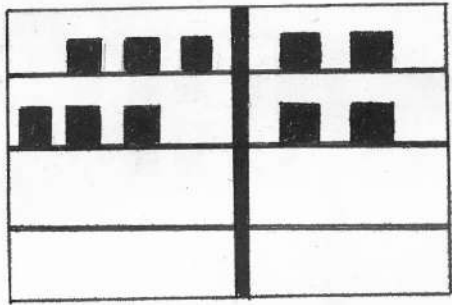
NÃO SE FÁZ CHAMADA EM SOCORRO



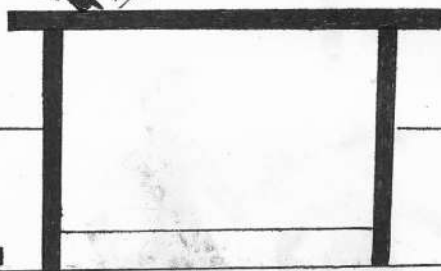
QUADRO DE CADERNETAS



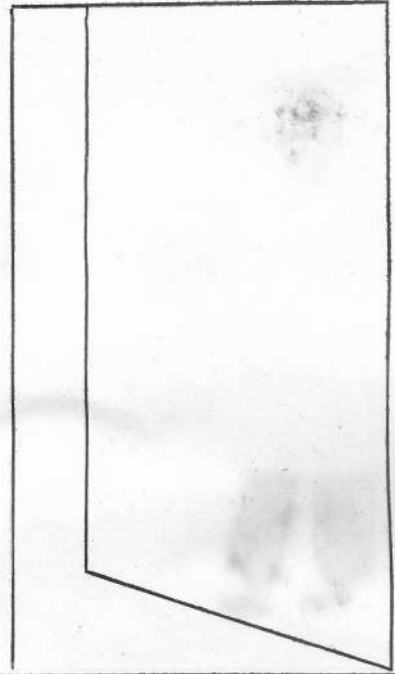
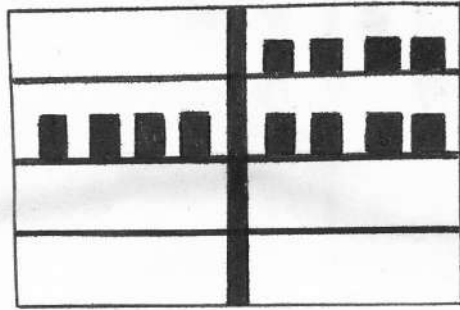
ENTRADA DAS CLASSES



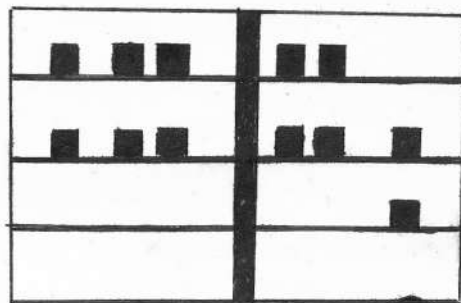
INSPETOR ANOTA AS FALTAS ...



E COLOCA SÔBRE A MESA DO PROFESSOR



CARIMBA E COLOCA AS CADERNETAS NO QUADRO



SAIDA DAS

CLASSES

I. E. "NARCISO PIERONI"  
FALTAS

SÉRIE : .....

DATA : .....

FALTAS : .....

.....

.....

Obs. : .....

.....

.....

Assinat. : .....

I. E. "NARCISO PIERONI"  
FALTAS

SÉRIE : .....

DATA : .....

FALTAS : .....

.....

.....

Obs. : .....

.....

.....

Assinat. : .....

VISITA DA MISSÃO PEDAGÓGICA FRANCÊSA - 21-8-1962

M. Quignard

M. Haby

Mme. Felix













VISITA DE PROFESSORES  
DA CAPITAL  
21-8-1962



# ESTUDO do MEIO



Do mesmo modo, a ilustração da aula, por mais interessante que seja, não é também um "estudo do meio". Ela - permite uma visita a Versailles ao professor de história - que está dando o século XVII; uma visita a uma pedreira ao professor de ciências naturais; a projeção de um filme sobre Oxford ao professor de inglês; mas tudo isto são anexos ou trabalhos práticos.

Pode-se fazer tudo isto dentro do horário das aulas e com resultados apreciáveis, mas não é estudo do meio - estudo do meio autêntico exige muito mais.

Que é então estudo do meio? Vamos encontrar uma definição precisa em um artigo de M.A. Weiler, Cahiers Pédagogiques du Second Degré.

"Que é estudo do meio"? É o estudo de um complexo natural ou humano que faz parte do quadro da vida do aluno. Na verdade, há mais que um meio, diferenciados, entrelaçados - e está aí uma primeira dificuldade - uns estáveis, outros ocasionais ... Pode-se deve-se esforçar-se por bem definir o meio que se estuda: uma rua, um quarteirão, um bairro ... ou ainda uma alameda em um jardim, um charco em uma floresta. Seja o que fôr, cada meio se prende a outros, cada meio, não simples na aparência, é, em consequência, de uma extraordinária complexidade.

Tenhamos cuidado com as simplificações impróprias, graças às quais consideramos os fatos como inteiramente elucidados.

O seu entrelaçamento complexo nem sempre é perfeitamente determinado, de modo que é aconselhável não se afirmar categoricamente que eles devem ser como são ou poderiam ser diferentes. É fácil demonstrar que Paris devia nascer às margens do Sena para tornar-se a capital de França, mas este determinismo é bem ilusório. O verdadeiro espírito do estudo do meio é o possibilista. A vinha e campo de trigo, compreendem uma mistura de fenômenos puramente naturais e de fenômenos humanos que denotam a importância da liberdade, da escolha entre várias soluções e, também, do acaso. A vida nos revela um conjunto de dados variáveis, de adaptações, de transformações, de imprevistos, de invenções. A atividade humana será valorizada se ela fôr situada com exatidão e apresentada objetivamente dentro do espírito da pesquisa científica.

"Os meios que estudamos em nossas classes fazem parte, como já dissemos, do quadro da vida de nossos alunos. - Mas o estudo do meio vai fazê-los compreender que este quadro não é exclusivamente local. O estudo do meio é o estudo das "interrogações"; ele deve tornar sensíveis as linhas -



O ESTUDO DO MEIO NAS CLASSES EXPERIMENTAIS DE SOCORRO  
COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO SOCIAL DO EDUCANDO

O "estudo do meio" é uma técnica de trabalho pedagógico que deve sugerir ao educando situações onde se desenvolvam particularmente as atitudes de observação e experiências, aliadas ao despertar da consciência do papel social de cada um na comunidade onde vive. O esquema que orienta esta prática nas Classes Experimentais obedece à estruturação geométrica de círculos concêntricos, o que significa que os primeiros " estudos " devem incidir sobre aspectos mais facilmente observáveis; estes, por princípio, encontram-se no próprio núcleo comunitário.

A medida que surgem os dados resultantes das observações sobre o " meio " mais conhecido, são lançados outros objetivos que vão sendo explorados, enquanto se fazem sentir as primeiras conclusões. Dominado o campo, em todos os aspectos previstos no planejamento, as conclusões gerais são elaboradas e estudadas à luz de uma filosofia econômico-administrativa ou seja: " que fez o homem para melhorar o seu habitat? " - " que condições de progresso se apresentam em potencial? - " que tarefa cabe a mim no lugar onde vivo? ".

Este trabalho que deve ser planejado pelos educandos nos seus mínimos detalhes, recebe apenas o parecer da Orientação Pedagógica no que se refere à aprendizagem de técnicas de pesquisa ou coleta de dados.

Nossa experiência de trabalho nesse particular, aconselha um planejamento que se estenda por todo um ano letivo, em cada classe, objetivando uma só realidade social. Várias vantagens advem da adoção desse princípio: domínio razoável da técnica de pesquisa por parte do educando, exploração dos objetivos em profundidade; controle razoável das variáveis que surgem com o decorrer dos trabalhos, oportunidade de observação de realidades que se apresentam quase fortuitamente.

Realizado o trabalho de observação no núcleo comunitário ao qual o educando pertence, abrem-se círculos mais amplos, como sejam; estudo da zona rural do Município, das produções predominantes, do grau de escolaridade das crianças, das condições de saúde e alimentação, da frequência de eleitores, das formas de artesanato, etc..

O levantamento de dados em todos os casos é atribuído às equipes de alunos que reúnem periodicamente para elaboração dos planos, dis-



cyssão em trôno dos resultados e confecção dos relatórios.

O " Estudo do Meio ", ao mesmo tempo que desenvolve a capacidade de observação, o espírito crítico, a disposição de planejar para realizar, - auxilia a formar a " consciência " do valôr do trabalho, da atualização - das modernas técnicas e do preparo requerido ao administrador.

Nêste Instituto de Educação de Socorro, onde realizamos a Orientação Pedagógica das Classes Experimentais, planejamos com os alunos o estudo - de duas realidades de grande interêsse e atualidade para Socorro e para - São Paulo. São elas:

1) Socorro, estância natural, poderá desenvolver-se como estância - equipada de acôrdo com as diretrizes do Plano Diretor do Municí- pio ?

2) Que contribuição poderá oferecer a zona rural do Município à eco- nomia do Estado, nas bases do Plano de Ação do atual Governo ?

A primeira proposição foi tema de planejamento da 1ª série Experimen- tal no ano de 1959. O seu esquema obedeceu a três fases distintas:

1) Observação das condições reais da cidade de Socorro.

2) Observação das condições reais de Termas de Lindóia, para estudo comparativo.

3) Levantamento das condições previstas para Socorro, como estância equipada, nos moldes sugeridos pelo Plano Diretor.

Dêste trabalho feito por seis equipes de alunos, foi elaborado rela- tório acompanhado de documentação fotográfica.

A mesma documentação foi apresentada no corrente ano como contribui- ção à Expbsição do Plano Diretor, presidida pelo ilustre Prof. Anhaia Mello, Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanisma de São Paulo.

A 1ª série Experimental dêste ano está terminando o planejamento do Estudo do Meio que abordará a explbração das condições culturais da cida- de de Socorro.

A segunda proposição ( que contribuição poderá oferecer a zona rural do Município à economi<sub>a</sub> do Estado, nas bases do Plano de Ação ? ) está sen- do desenvolvida pelas equipes da 2ª série que semanalmente visitam os - bairros do Município e neles colheem o material necessário. Cada equipe - apresenta relatório e documentação do trabalho realizado afim de que todos no 2º semestre possam discutir os problemas gerais encontrados.

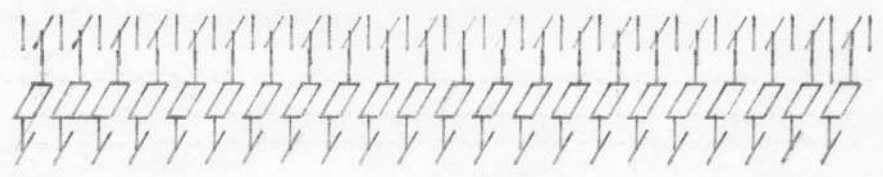
Como contribuição prática e forma de atuação social direta, as alu- nos explicam aos lavradores e sitiântes o Plano de Financiamento para o plantio e distribuem folhetos de propaganda fornecidos pela Casa da Lavou- ra local.

É interessante notar-se como, apesar da propaganda oficial da Secre- taria da Agricultura e do esforço do agrônomo, muitos lavradores ainda - ignoram o Plano de Financiamento Agrícola e manifestam-se tão supresas - diante das explicações dos alunos que os visitam.

Por outro lado, uma das equipes concluiu nas primeiras observações que uma das causas dessa ignorância está na falta de condução própria da Casa da Lavoura, o que impede a ação mais direta do agrônomo.

É necessário esclarecer que o engenheiro responsável em Socorro, Sr. Alberto Veiga, muito nos tem auxiliado no fornecimento de dados, experiências agronômicas e colaboração direta na pesquisa.

Nêste roteiro, ampliando cada vez mais os horizontes culturais dos educandos com o lançamento de objetivos mais elevados nas 3ª e 4ª séries do 1º ciclo, julgamos poder realizar um dos objetivos principais das - Classes Experimentais neste Estabelecimento: a integração social através da descoberta da força social que o cidadão representa.





.....

.....

INSTRUÇÕES:- Este planejamento se destina aos alunos da 3ª série ginásial experimental; êle será associado ao planejamento que visa o levantamento das condições socio-culturais do município de Socorro. Embora alguns aspectos da zona urbana já tenham sido explorados pelos mesmos alunos na 1ª série, no ano de 1959, no decorrer de 1961 abordarão a realidade particular "artesanato".

ATIVIDADES DAS EQUIPES:-

- a) planejar as entrevistas para os diversos setores da cidade, e dos bairros do município.
- b) preencher a ficha cumulativa para êste assunto.
- c) recolher os dados através da técnica de questionário.
- d) fazer a documentação fotográfica.
- e) recolher exemplares do material confeccionado.
- f) elaborar o relatório.

OBSERVAÇÕES :- O estudo do meio que visa o levantamento do artesanato local não impede que os alunos colham informações sôbre outros aspectos da interêsse que possibilitem observação mais sistemática. Ex: produção agrícola, tipo de habitação, nível socio-econômico, higiene, religião, etc... Por êsse motivo êste esquema se articulará com o plano geral do estudo do município nos seus múltiplos aspectos.

TÓPICOS DE PESQUISAS :-

- 1) O que produz ?
- 2) Com que produz ? ( madeira, corda, palha, linha, retalho, bambu ).
- 3) Onde produz ? ( oficina particular, sala da casa, calçada, etc... ).
- 4) Por que produz ? ( por prazer, para ganhar ).
- 5) Desde quando produz ? ( se a pessoa fôr nova na cidade, indagar se fabricava algum produto no lugar onde residia e, desde quando ).



Com o objetivo de fazermos um levantamento do artesanato socorrense no setor da Vila João Conti, saímos do Instituto de Educação no dia 29 de agosto do corrente ano, acompanhados pela professora Odila Féres.

Iniciamos a entrevista na Avenida Bernardino de Campos, e aí, a primeira entrevistada foi a Srta. M.N., residente à casa nº , produtora de blusas de nylon. Trabalha por necessidade recebendo material da intermediária. Vende para as pessoas de Socorro e ninguém a auxilia. Faz 5 blusas cada dois meses, o que é uma produção muito fraca. Durante o dia trabalha na fábrica, dispondo somente da noite para a confecção das blusas.

A Sra. M.J., residente à mesma rua, nº , produtora de tricô e nãnduti, informou-nos que trabalha por colaboração, recebe o material da intermediária, vende para pessoas da zona urbana e rural de Socorro; confecciona 168 dúzias de nãnduti por mês e recebe por elas R\$ 1.000,00.

Moradora à mesma avenida nº , a Sra. J.O.R., produtora de crochê, disse-nos que trabalha para o ganho. Produz mais em época de festas, e sua produção não é muito boa, dando uma média de 24 quadros por mês.

Na mesma rua, nº , uma entrevistada foi Dona O.M.Z., que faz 3 colchas de crochê por mês, sendo esta uma ótima produção. Trabalha indiferentemente.

Conversamos com o Sr. A.G., o qual trabalha em uma oficina coletiva, à avenida Bernardino de Campos, s/nº, cujo proprietário se achava ausente e por intermédio do primeiro colhemos todos os dados necessários. Na oficina são produzidos semanalmente 60 jacás, o que consideramos uma produção regular, tendo em vista que são em número de 20 os empregados que ali trabalham.

Entrevistamos a menina E.O.M., habitante à mesma rua, nº , que produz 1,5 dúzia de nãnduti diariamente, sendo uma boa produção, pois além de estudar, trabalha em casa. Recebe material da intermediária, a qual lhe paga R\$ 6,00 a dúzia.

Moradora à mesma rua, na casa 185, a Sra. M.M. informou-nos que confecciona 1,5 dúzia de nãnduti por dia, recebendo R\$ 5,00 por dúzia. Antes de se deitar digo dedicar ao nãnduti, fazia flôres de papel, mudando para o nãnduti por este render mais.

A Sra. C.Z.C., habitante à mesma avenida Bernardino de Campos, nº 201, fêz-nos saber que trabalha com bichos de feltro e pelúcia (dando todo material), como exemplo: casais de coelhos, burro, bolsas. Faz três burros por semana, 10 bolsas e 3 casais de coelhos. Isto é uma boa produção por semana. Tem lucro por êstes produtos de R\$ 8.300,00.

Entrevistamos D.J.M., que produz nãnduti; mora nos fundos, na rua Bernardino de Campos. Faz para ganho desde adulta; vende a particulares de Socorro a R\$ 6,00 a dúzia. Faz por semana 3 dúzias que em comparação com outra, é má produção.

À mesma avenida, nº , entrevistamos a Srta. I. M., produtora de nãnduti pequeno. Sua produção mensal é de 48 dúzias e as vende por R\$ 240,00. Faz o trabalho nas horas de folga para não perder tempo, portanto, seu trabalho é feito em uma boa produção, mas é muito mal pago.

Recebemos os dados necessários da H.F., residente à mesma rua, s/nº; produz 13 dúzias de nãnduti semanalmente, recebendo R\$ 6,00 por unidade, e cada novelo dá 3 dúzias. Concluimos que sua produção é bastante regular.

O jovem S.A.F., residente à Avenida Bernardino de Campos, 328, produz jacás (108), em oficina coletiva; começou a trabalhar há pouco tempo e não pretende mudar de trabalho, porque acha que é muito rendoso. Sua produção é muito boa.

A Srta. E.G., residente à Avenida Bernardino de Campos, produz nãnduti desde adulta, para ganho e vende a R\$ 6,00 a dúzia, para as pessoas de Socorro. Sua produção é muito boa, pois faz 15 dúzias.

Chegamos até a casa da Sra. F.C., que possui residência na mesma avenida, s/nº, e esta nos informou que nãnduti para ganho ela faz desde adulta. Sua produção é fraca, confeccionando 1 dúzia por dia, a qual é vendida por R\$ 6,00 às pessoas de Socorro.

Na mesma avenida, nº , entrevistamos também a Srta. M.B., produtora de tricô, saia de feltro e bolsas. Informou-nos que confecciona por mês 16 saias de feltro, 24 bolsas, 1 jôgo de quarto, tendo lucro total de R\$ 12.680,00. Isto é uma boa produção, tendo em vista que trabalha fora. Duas mães auxiliam-na na confecção de tricô, e sua mãe nas saias. Vende o produto para pessoas daqui, de Serra Negra, São Paulo e Jacaréí. Antes de se dedicar a êstes produtos, trabalhava com crochê, e como não rendia muito resolveu mudar o tricô, dêste para as saias e destas para as bolsas.

Da avenida Bernardino de Campos passamos para a Rua José Conti, onde entrevistamos a menina E.M., que produz

nãnduti por colaboração. Vende a dúzia do produto a R\$ 6,00 para particulares. Sua produção semanal é boa, pois produz 10 dúzias e além de estar na escola, entrega costuras para a mãe.

Ainda na mesma rua, nº , reside a Sra. O.M., - que produz um tipo diferente de nãnduti ainda não encontrado na cidade. Trouxe as amostras do nãnduti da Lituânia, onde residia antigamente. Como trabalha com um tipo de linha antiga, não podemos fazer o cálculo do seu lucro, pois ela não sabe o preço da linha. O nãnduti é muito trabalhoso e não é bem pago.

Da Rua José Conti passamos para a Rua Cornélio Alves e aí o primeiro entrevistado foi o Sr. G.A.G., que produz jacás em uma oficina coletiva, onde trabalham mais 5 pessoas, que fazem 489 jacás semanalmente, o que lhes rende R\$ 21.600,00. A produção é muito boa.

Na mesma rua, entrevistamos a Sra. C.R.S., produtora de nãnduti para ganho, desde moça. Vende a particulares; produz 7 dúzias por semana, recebendo do intermediário R\$ 6,00 por dúzia. Sua produção não é muito boa.

Da Rua Cornélio Alves, passamos para A Vila - João Conti, onde entrevistamos a Srta. M.P., residente à casa nº 7; é produtora de tricô, confeccionando semanalmente 12 quadros. Recebe o material do intermediário e este lhe paga R\$ 5,00 cada quadro. Trabalha para a sua independência econômica.

Na Vila João Conti, entrevistamos a produtora de nãnduti A.C.; sua produção mensal é de 43 dúzias e as vende por R\$ 259,00, portanto o trabalho não é rendoso. Vende a R\$ 6,00 a dúzia de nãnduti, para o intermediário.

Na mesma vila, nos fundos da casa nº 10, conversamos com a Srta. R.M.N.; essa confecciona blusas, vendendo-as a uma segunda que lhe paga R\$ 90,00 cada uma. Faz uma blusa por semana e ajuda na arrumação da casa. Sua produção é regular.

Ao entrevistarmos a Srta. R.V., na Vila João Conti, ficamos sabendo que faz nãnduti, recebendo material da intermediária, que lhe paga R\$ 5,00 a dúzia. Achamos que devia pagar-lhe mais, pois encontramos as que recebem R\$ 6,00 por unidade, por uma dúzia.

Chegamos até a Vila Santo Antonio e na residência da Sra. F.E., fomos informados que ela é produtora de nãnduti, executando 12 dúzias por semana do citado produto. Vende a uma intermediária que lhe paga R\$ 6,00 por dúzia. - Achamos que sua produção é boa, pois além de ser dona de casa, tem filhos ainda pequenos.

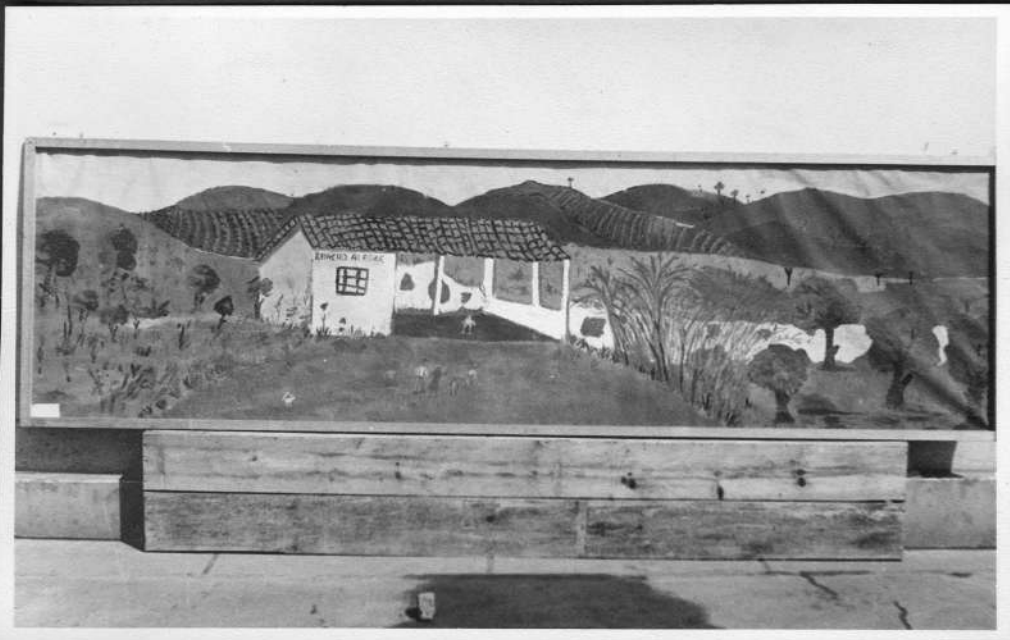
A equipe tirou as seguintes conclusões :-



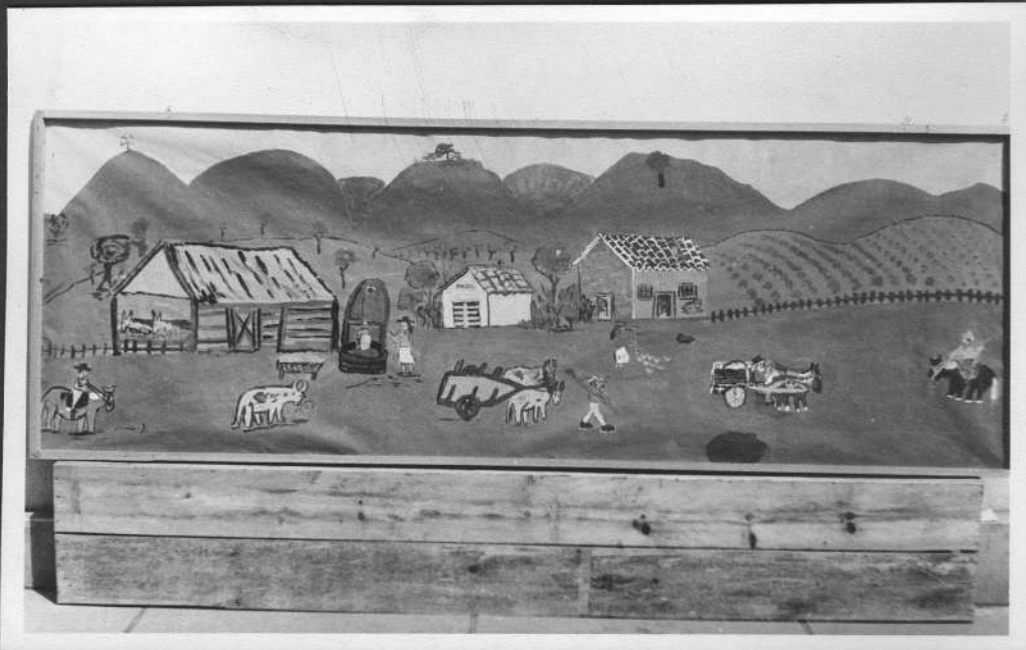




E  
S  
T  
U  
D  
O  
  
D  
O  
  
M  
E  
I  
O







ESTUDO DO MEIO - ZONA RURAL -



Jacás

Ñanduti

Alças de bambu

Colcha de retalhos

Crochê

Sisal

Lençóis bordados



ESTUDO DO MEIO - NĀNDUTI



EQUIPES EM TRABALHO



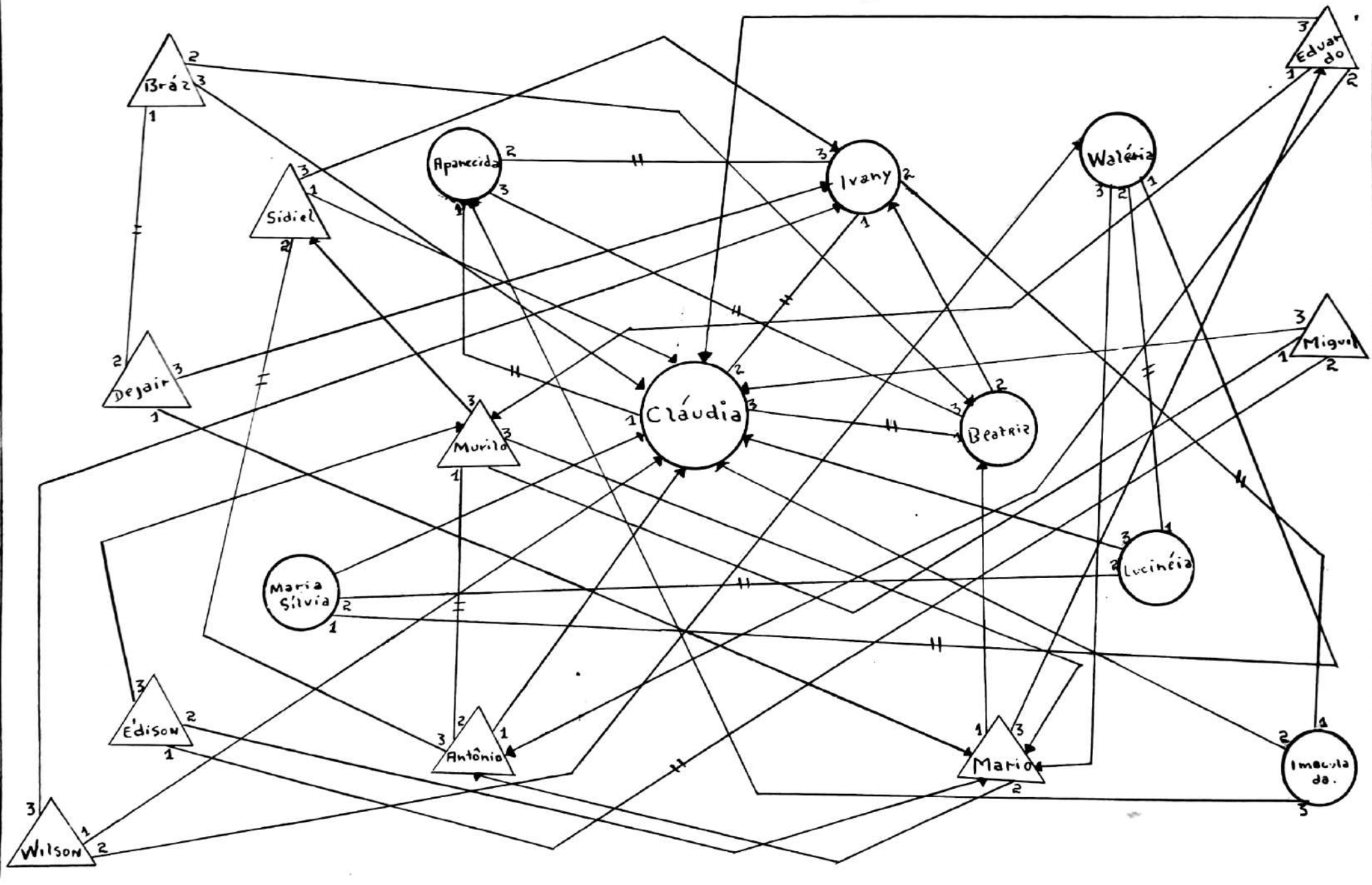


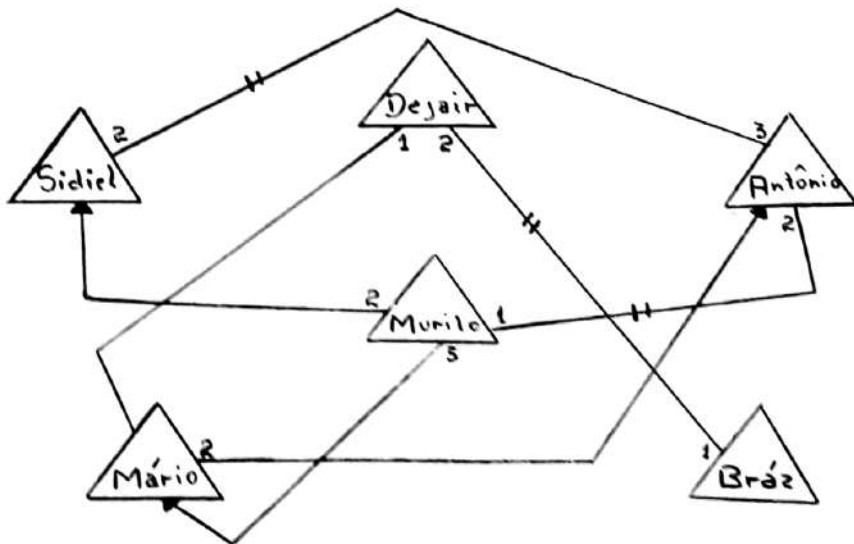
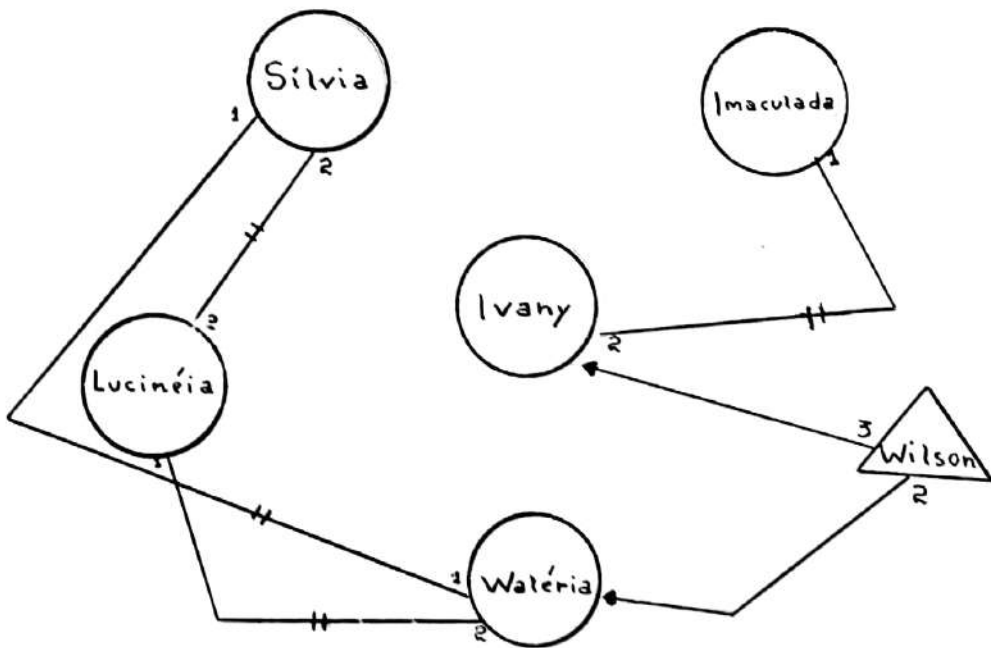
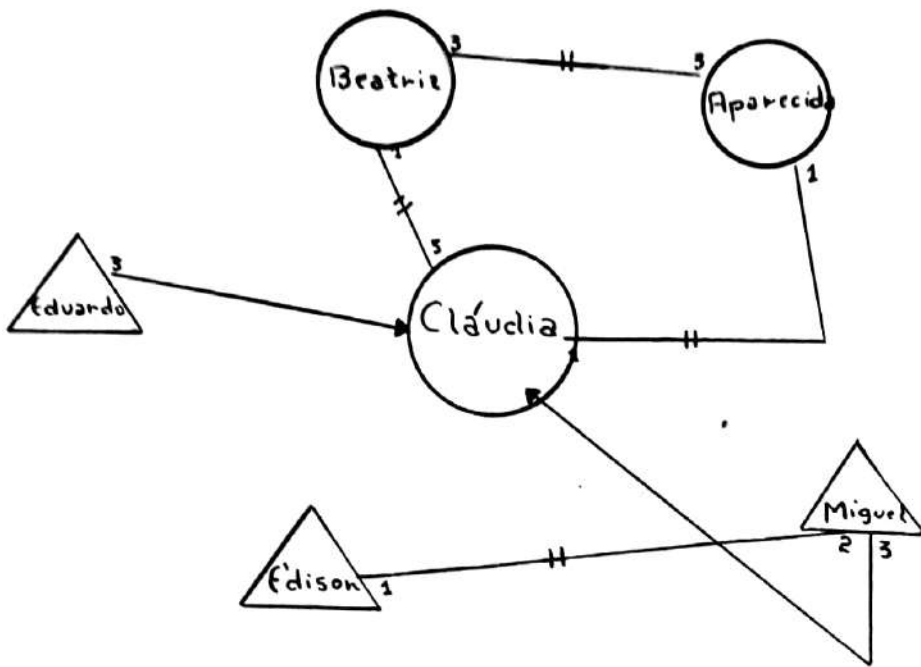
**ESTUDO DIRIGIDO**











INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "NARCISO PIERONI"

BOCORRO

HORÁRIO DOS ESTUDOS DIRIGIDOS

CLASSES EXPERIMENTAIS - 1962

Séries	Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado
3ª Série	6,30	-----	-----	-----	-----	-----	-----
	7,00	-----	-----	Ciências	Português	-----	-----
	8,00	Português	Francês	Trabalhos	Geografia	-----	Ciências
	9,00	Música	Matemática	Matemática	Matemática	-----	-----
		Francês		Português	Inglês	Trabalhos	-----
		História		Geografia	História	Português	-----
				História			-----
	7,00	-----	-----	Trabalhos	Prát. Agrícolas	-----	Ciências
	8,00	-----	Matemática	História	Ciências	Português	Inglês
	9,00	Português	Francês	Português	Inglês	Geografia	Música
			História	Francês	Trabalhos	História	Português
					Geografia	Geografia	
					Trabalhos		

OBSERVAÇÃO :- Este horário era para as quatro equipes, então existentes.

3ª SÉRIE EXPERIMENTAL

PORTUGUÊS :-	Aulas previstas .....	113
	Aulas dadas .....	98
	Estudos dirigidos .....	95
	Exposições por equipes .....	7
INGLÊS :-	Aulas previstas .....	60
	Aulas dadas .....	53
	Estudos dirigidos .....	37
FRANCÊS :-	Aulas previstas .....	65
	Aulas dadas .....	55
	Estudos dirigidos .....	52
LATIM :-	Aulas previstas .....	65
	Aulas dadas .....	55
	Estudos dirigidos .....	--
HISTÓRIA :-	Aulas previstas .....	101
	Aulas dadas .....	92
	Estudos dirigidos .....	59
	Exposições por equipes .....	20
GEOGRAFIA :-	Aulas previstas .....	98
	Aulas dadas .....	82
	Estudos dirigidos .....	57
	Exposições por equipes .....	8
MATEMÁTICA:-	Aulas previstas .....	98
	Aulas dadas .....	75
	Estudos dirigidos .....	57
CIÊNCIAS :-	Aulas previstas .....	65
	Aulas dadas .....	55
	Estudos dirigidos .....	43
	Exposições por equipes .....	7
DESENHO :-	Aulas previstas .....	65
	Aulas dadas .....	58
	Estudos dirigidos .....	--
ED.MUSICAL:-	Aulas previstas .....	33
	Aulas dadas .....	27
	Estudos dirigidos .....	21
	Exposições por equipes .....	6





3ª SÉRIE EXPERIMENTAL

PORTUGUÊS

- 1 - Equipe Mme. Hatinguais :- Camões - Vida e Obra.
- 2 - Equipe Monteiro Lobato :- Canto I - Os Lusíadas.
- 3 - Equipe Rui Barbosa :- Canto II - Os Lusíadas.
- 4 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Inês de Castro.
- 5 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- O Gigante Adamastor.
- 6 - Equipe Mme. Hatinguais :- Canto VI - Os doze de Inglaterra.
- 7 - Equipe Monteiro Lobato :- Canto VII - Os Lusíadas.

HISTÓRIA

1º Semestre

- 1 - Equipe Rui Barbosa :- Os Astecas.
- 2 - Equipe Monteiro Lobato :- Viagem de Vasco da Gama.
- 3 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Viagem de Colombo às Américas.
- 4 - Equipe Rui Barbosa :- Os Maias.
- 5 - Equipe Mme. Hatinguais :- Os Incas.
- 6 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Renascimento : causas, renascimento na Itália.
- 7 - Equipe Mme. Hatinguais :- Renascimento na Itália : pintura e escultura.
- 8 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Início das estradas de ferro na América.
- 9 - Equipe Monteiro Lobato :- Renascimento na Alemanha e França.
- 10 - Equipe Monteiro Lobato :- Estradas de ferro no Estado de São Paulo.
- 11 - Equipe Rui Barbosa :- Shakespeare e suas obras . O teatro na época.

2º Semestre

- 12 - Equipe Mme. Hatinguais :- Reforma Religiosa.
- 13 - Equipe Monteiro Lobato :- Contra Reforma.
- 14 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Colônias Americanas.
- 15 - Equipe Monteiro Lobato :- Independência dos EE.UU.
- 16 - Equipe Mme. Hatinguais :- A guerra da Secessão nos EE.UU.
- 17 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Independência da América Espanhola.
- 18 - Equipe Monteiro Lobato :- Independência do México.
- 19 - Equipe Mme. Hatinguais :- Canadá : história, divisão política, economia, etc...
- 20 - Equipe Antonio Francisco Lisboa :- Revolução Francêsa.



4ª Série Experimental - 1963

2º Semestre

P O R T U G U Ê S

- 1ª Fase :- 1- Planejamento do assunto feito pelo professor.  
2- Exposição do planejamento à classe.  
3- Divisão do trabalho entre as equipes.

Nota:- O assunto a ser desenvolvido no segundo semestre será: Literatura Brasileira (O Grupo Mineiro). À 1ª equipe caberá a pesquisa e exposição das características e do histórico desse grupo, bem como a biografia e obra de um de seus escritores. ÀS outras equipes caberá a "vida e obra" de um ou dois escritores desse grupo.

- 2ª Fase :- 1- Preparo dos tópicos atribuídos às equipes em sessões de Estudo Dirigido.  
2- Interpretação do tema pelos alunos.  
3- Organização de fichas.  
4- Organização do quadro sinótico do qual deverão - fornecer uma cópia a cada chefe de equipe.

- 3ª Fase :- 1- Explicação do assunto pela equipe.  
2- Após a explicação, a classe poderá fazer perguntas e se as respostas não forem satisfatórias o professor intervirá para suplementar.  
3- A equipe expositora poderá arguir a classe.  
4- A classe fará a crítica do trabalho em fichas impressas.

- 4ª Fase :- Após o desenvolvimento de todos os tópicos do assunto proposto, o esquema geral do professor será mimeografado e distribuído aos alunos.

ASSUNTO:- O Grupo Mineiro.

Tópicos:- Claudio Manoel da Costa  
Tomás Antonio Gonzaga  
José Basílio da Gama - Uruguai  
Frei José Santa Rita Durão - Caramuru  
Ignacio José da Silva Alvarenga

BIBLIOGRAFIA:-

História da Literatura Clássica- Fidelino de Figueiredo.

Antologia Nacional - Carlos de Laet

Seleção de Língua Portuguesa - F.R. Sampaio.

Língua Portuguesa - Walter Wey.







1ª Série Experimental - 2º Semestre

G E O G R A F I A  
=====

I - TRABALHO DO PROFESSOR :-

A- Planejamento do assunto:

- 1- Fatores humanos e econômicos do Brasil :
  - a) Povoamento e a conquista do território;
  - b) População : crescimento, repartição, movimentos;
  - c) Tipos étnicos ;
  - d) As cidades brasileiras;
  - e) A vida agrícola;
  - f) A industrialização e seus problemas;
  - g) Os transportes;
  - h) Comércio.

B- Exposição do planejamento à classe com comentários de ordem geral.

C- Divisão do trabalho entre as equipes :

Equipe A- Povoamento e conquista do território.

Equipe B- A vida agrícola.

Equipe C- Os transportes.

D- Sugestões sobre o material que deve acompanhar a exposição oral :

1- Construção de mapas, para a localização.

2- Construção de cartazes.

3- Fotografias ou figuras relativas ao assunto.

4- Trechos interessantes para serem lidos durante a exposição.

II - TRABALHO DO PROFESSOR COM AS EQUIPES :-

A- Preparo dos tópicos atribuídos às equipes em sessões de estudo dirigido.

B- Leitura e interpretação do tema pelos alunos.

C- Organização de fichas pelos alunos.

D- Organização do quadro sinótico.

E- A equipe responsável deve providenciar o material necessário sob a orientação do professor.

III- TRABALHO DOS ALUNOS COM SUPERVISÃO DO PROFESSOR :-

A- Explicação do assunto à classe (durante a explicação a classe apenas anota as dúvidas sem interromper).

B- Após a exposição da equipe, a classe pode perguntar e no caso das respostas não serem satisfatórias, o professor suplementa a ação dos alunos .



- C- A equipe expositora pode perguntar à classe, no final.
- D- A classe faz a crítica do trabalho apresentado.

IV - AS EXPOSIÇÕES DAS EQUIPES SÃO EQUILIBRADAS COM AULAS DO PROFESSOR.

- A- População: crescimento, repartição e movimentos.
- B- Tipos étnicos.
- C- Cidades brasileiras.
- D- Industrialização e seus problemas.
- E- Comércio.

V - APÓS O DESENVOLVIMENTO DE TODOS OS TÓPICOS DO ASSUNTO PROPOSTO, O ESQUEMA GERAL DO PROFESSOR É MIMEOGRAFADO E DISTRIBUÍDO AOS ALUNOS.

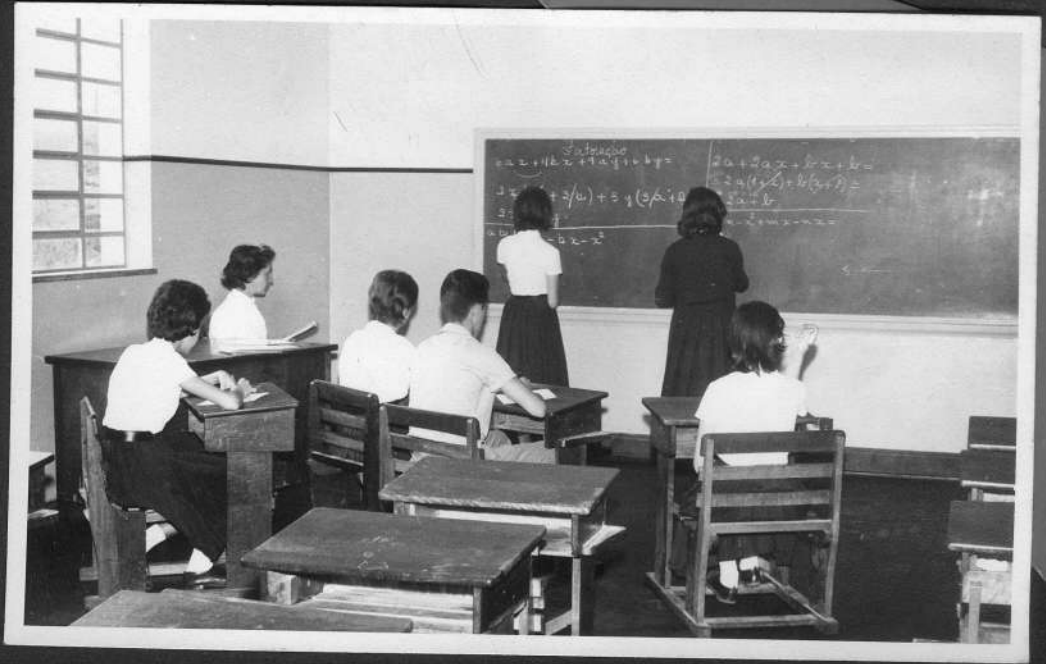
" " " " " " " " " " " " " " " "

" " " " " " " " " "



ESTUDO DIRIGIDO







COORDENAÇÃO

de

MATÉRIAS

Os professores, reunidos no início do ano escolar, tomam, de um lado consciência dos elementos diversos que compõem a sua classe deste grupo heterogêneo de crianças que lhes são confiadas durante o ano todo e, de outro lado, caminho que eles desejam que as crianças sigam.

Desta massa ainda informe precisa nascer uma "equipe", e esta transformação só será possível se os professores se unirem e, por sua vez, formarem uma equipe coesa e sólida.

Em primeiro lugar cumpre pensar na organização do horário, na distribuição dos deveres e exercícios, na disciplina: exigências que devem ser mantidas, liberdades que podem ser concedidas. Sem este entendimento prévio, a criança só conhecerá a incerteza e a confusão: ela ficará sabendo que algumas lhe serão permitidas em determinadas aulas, mas proibidas em outras; dentro de pouco tempo liberdade e anarquia se confundem, e uma certa duplicidade se desenvolverá: apresentará para cada um a aparência exigida. Os professores precisam tomar consciência desta "unidade", sob pena de não criarem o clima indispensável ao emprego dos métodos ativos.

O domínio comum é muito mais amplo do que se imagina:

1º) A mesma concepção do ensino e do objetivo que ele tem em vista une os "coéquipiers". O essencial é partir da criança que é ensinada e não da matéria que se ensina.

"Tôda vêz que se transgredir esta lei, haverá agitações e apreensões. Não é o "nível" comum que conta. O Professor precisa tirar os alunos de onde eles se encontram e fazê-los avançar segundo suas possibilidades".

2º) Um outro ponto deste domínio comum consiste em fazer os alunos adquirirem hábitos, hábitos elementares e com os quais, em princípios, os professores concordam: exatidão, asseio, ordem, disciplina que consiste em respeitar o trabalho.

3º) "A classe do 6º ano, diz M.G. Monod, representa uma democracia, em miniatura, mas como todo Estado livre, esta pequena sociedade tem leis que devem ser obedecidas. Fazer os alunos adquirirem êsses hábitos, se submeterem a estas leis, pode parecer a princípio que se trata de um atentado aos métodos da nova educação, mas, longe disto, trata-se de uma obrigação muito mais rigorosa nas classes onde se aplica a técnica de métodos ativos, do que nas de ensino dogmático" (18).

Além disso, uma "adesão" dos professores e alguns pontos de vista comuns, uma convergência dos esforços, um parentesco (não basta a

semelhança) de técnicas permitem a harmonia e a coesão exigidas por uma cultura verdadeira.

" O ensino do 2º grau tende a se fragmentar em disciplinas especializadas, obrigando como está à dupla necessidade de distribuir entre vários mestres uma tarefa que seria excessivo para um só; para cada disciplina é necessário um professor altamente qualificado. E como consequência disto vemos o aluno do 1º ciclo com " migalhas de conhecimentos", como resultado de uma formação retalhada "Cr(19).

A pedagogia da qual saímos era uma pedagogia muito analítica: ensinados expediais declamados, seguindo horários minuciosos, dirigindo-se às faculdades distintas da criança... Os professores deverão se reunir para organizar entre eles as suas aulas para que estas sejam convergentes, sendo precisamente a criança o ponto de convergência. (20)

Antes de tudo, uma tomada de consciência pelas equipes de professores e alunos do conjunto das matérias do programa. É importante saber-se de onde parte e para onde se vai; cada professor conhecer o assunto que serão ventilados por todos, cada aluno saber que a estrada a percorrer tem encruzilhadas e atalhos que a encurtam. Como despertar o interesse do aluno pela sua própria formação? Ajudando-o a descobrirem a extensão do domínio a percorrer, os conhecimentos que ele precisa adquirir, e para que servem estes conhecimentos.

Uma outra coordenação se impõe: a dos meios de expressão. É evidente que todas as disciplinas utilizam o francês. Todas podem, portanto, aperfeiçoá-lo ou viciá-lo. Os professores devem exigir dos alunos uma perfeita correção ortográfica e sintática. É elementar, mas não é suficiente. Crê-se em geral que o professor de Francês deve ensinar somente a gramática e a literatura. Não, tudo que diz respeito ao enriquecimento do vocabulário nas diferentes disciplinas e, em geral toda expressão oral e escrita devem ser de sua competência. Ele poderá com auxílio dos especialistas, orientar a redação dos resultados de uma experiência, uma exposição de história, uma solução de matemática. Pode-se imaginar por exemplo, que o professor de matemática encontre uma solução e a transcreva somente em termos simbólicos e abreviados (proposições invocadas, resultados parciais sucessivos, flechas de côr), na aula de francês esta solução será redigida. Pode-se também corrigir uma solução redigida na aula de matemática. Pode-se igualmente partir dos textos científicos de Pascal, Lavoisier, Pasteur, Berthelof, Fabre, para ver como constituiu o vocabulário científico, que economia de esforços e que clareza ele trouxe a língua. Os alunos podem redigir também os resultados claros e precisos de suas experiências de física, e de química. Tudo exige, naturalmente, um acôrdo completo entre os professores. (21).

Certas disciplinas se coordenam facilmente, como letras e história; matemáticas e ciências, ciências físicas e biológicas. Mas é preciso organizar esta ajuda mútua e tirar dela a melhor partido. O mesmo tema, tratado de maneira diversa pelos diversos professores, favorece as associações de idéias e torna possível esta "disponibilidade das noções, base de toda cultura.

O estudo dos autores da Renascença, por exemplo, não pode ser realizado sem o apoio histórico sólido, sem uma evocação da Corte e dos costumes da época. A vida de Chateaubriand, estudada em uma classe de literatura, e utilizada pelo professor de história, é uma testemunha das agitações sociais e mostra uma reação individual em face dos regimens políticos que atravessou.

O estudo dos grandes fenômenos terrestres: vulcões, geleiras, dunas, etc.. pode ser coordenado com o de ciências naturais e língua pois, por meio de textos pode-se mostrar como uma descrição literária usa o mesmo vocabulário que um relatório científico, tornando-o porém, mais agradável. Nas explorações geográficas observa-se o mesmo.

" Exemplos: 1º um curso d'água".

#### COMPARAR:

- a) as torrentes dos Pirineus ( Taine, Voyage aux Pyrénées )
- b) as embocaduras ( Guide Michelin du Dauphiné )
- c) Visita ao Grande Canyon do Colorado ( Termier, la joie de cannaitre ).

#### 2º Uma erosão. Comparar:

- a) as pedras ( A.Spire, Poèmes de Loire, Grasset )
- b) Uma avalanche ( R. Frison, Roche, Premier de cordée ).
- c) O tempo ( termier, a la gloire de la terre )

#### 3º O deserto. Comparar:

- a) Os elefantes ( Leconte de Lisle )
- b) O Sahara ( A. Lhote, Le Sahara, Bourrelrier )
- c) O deserto ( Texto de A. Gide, citado na " information Geographique ", janeiro-fevereiro 1946 ( 22)..

Ainda se pôde contar com o auxílio precioso do professor de matemática para medir, avaliar, traduzir em uma linguagem precisa tais e tais informações. E o professor de língua ( Inglês, Alemão, Espanhol) para o estudo literário ou histórico dos períodos nos quais nosso país sofreu a influência direta daquele, cuja língua se estuda. As disciplinas adquirem vida nestas aproximações. Não é suficiente mencionar acordos ou oposições, mas fazer com que êles sejam descobertos, de maneira concreta, pelos alunos, graças ao trabalho comum empreendido pelos professores.

É por isso que as classes do 1º ciclo aderiram, adaptando-a à técnica dos " centros de interesse ", empregando, com êxito, há muitos anos, nas classes primárias.



PERÍODO DE 1959 a 1961

COORDENAÇÃO : História - Geografia - Trabalhos Manuais - Desenho.

PAINÉIS A GUACHE

- 1- Era da pedra lascada :- O homem. Como sobreviver. Defesa. Caça. Pesca.
- 2- Egípcios - Costumes. Agricultura.
- 3- Caim e Abel - A torre de Babel.
- 4- Ulisses - Suas viagens e aventuras.
- 5- Expansão de Cristianismo - Conversão de São Paulo.
- 6- Idade Média : Como vivia um senhor feudal.
- 7- Cruzadas.
- 8- O Islamismo.
- 9- Civilização chinesa.

TÉCNICAS DIFERENTES

- a) Fundo de retalhos de pano e guache :
  - 1- Gladiadores romanos.
- b) Em papel picado e guache :
  - 1- Gladiadores romanos.
- c) Em gêsse :
  - 1- Figuras de deuses gregos.
  - 2- A loba romana : Rômulo e Remo.
- d) Em xilogravura :
  - 1- Cenas da vida na Grécia.
  - 2- O gigante Adamaster.
  - 3- Personagens célebres - Gil Vicente.
- e) Em pintura a óleo na madeira :
  - 1- Os grandes navegadores.
- f) Mapas em massa :
  - 1- O Império Romano.
  - 2- O Império Muçulmano.
- g) Em madeira e metal :
  - 1- Mapas das constelações.
- h) Madeira, papelão, guache, massa :
  - 1- Pirâmide do Egito.
  - 2- Pirâmide de Tajin.
  - 3- Cavalo de Tróia.
  - 4- Templo romano.
  - 5- Batistérie da Idade Média.
  - 6- O torreão do Castelo de Windsor.

- i) Em pastilhas :
- 1- Atividades das classes experimentais.
  - 2- A imperatriz Teodósia.

O ESTUDO DO MEIO  
=====

- a) Técnica de vitral ... mas em papel :
- 1- O fumo e sua cultura em Socorro.
- b) Em pane e guache :
- 1- Levantamento do artesanato em Socorro.
- c) Em guache :
- 1- Bairro de Socorro - Vila Conti.
  - 2- Rancho Alegre.
  - 3- Festa de Agosto.
  - 4- Atividades das Classes Experimentais.

=====

=====

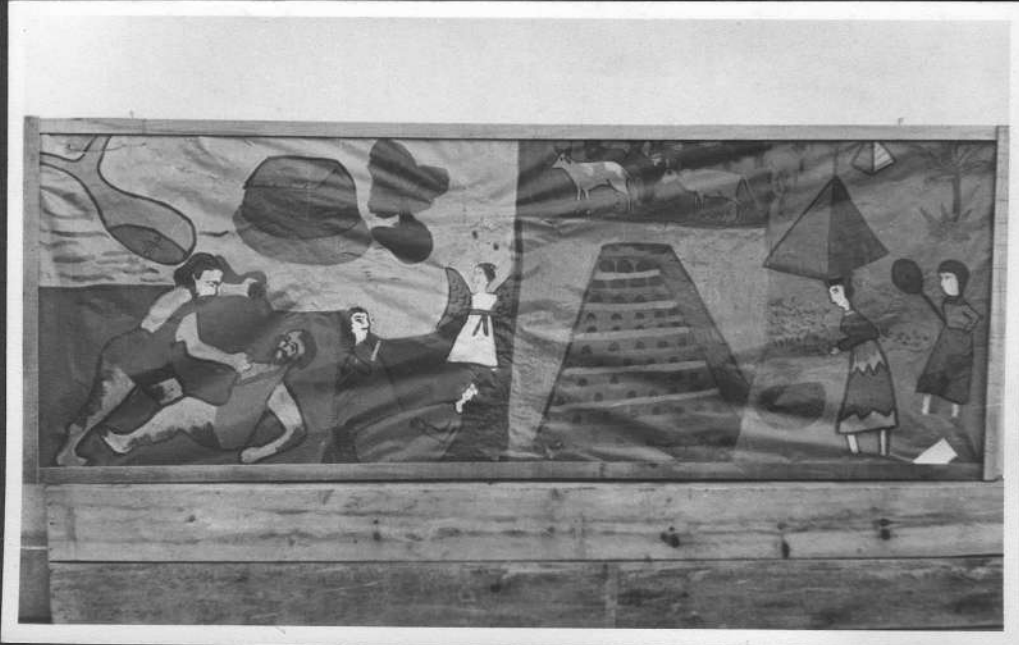
2226  
C. B. J.  
CEPE



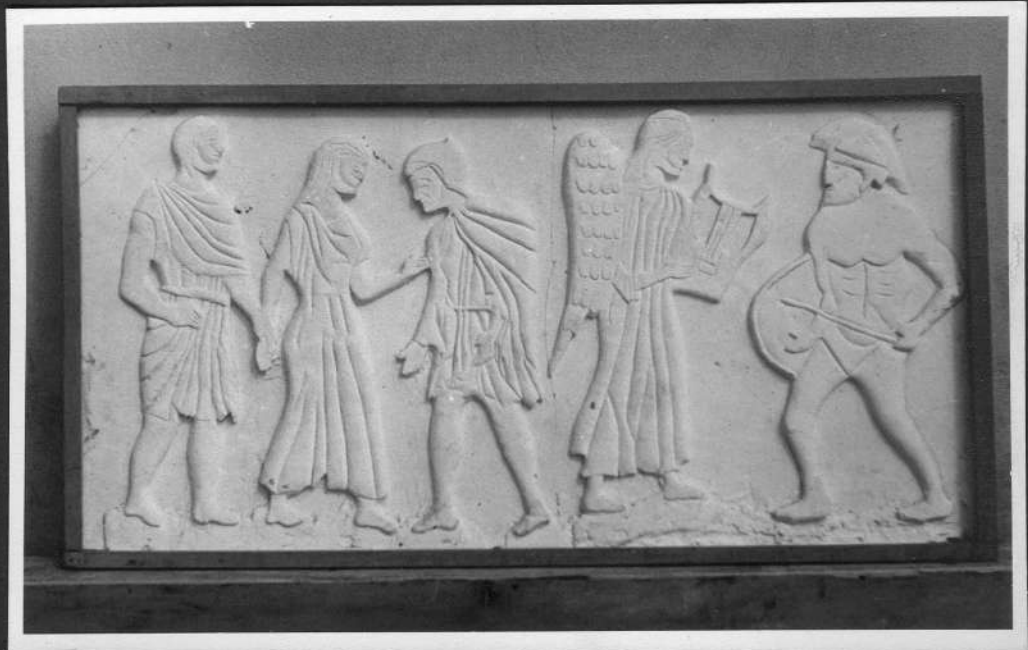
C  
O  
O  
R  
D  
E  
N  
A  
Ç  
Ã  
O

D  
E

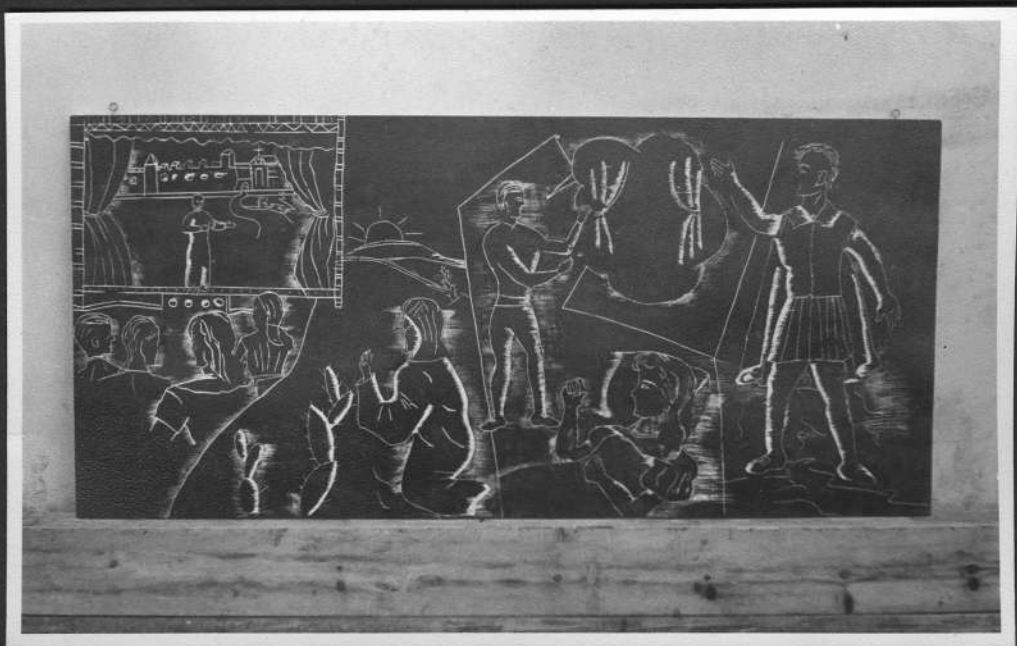
M  
A  
T  
E  
R  
I  
A  
S

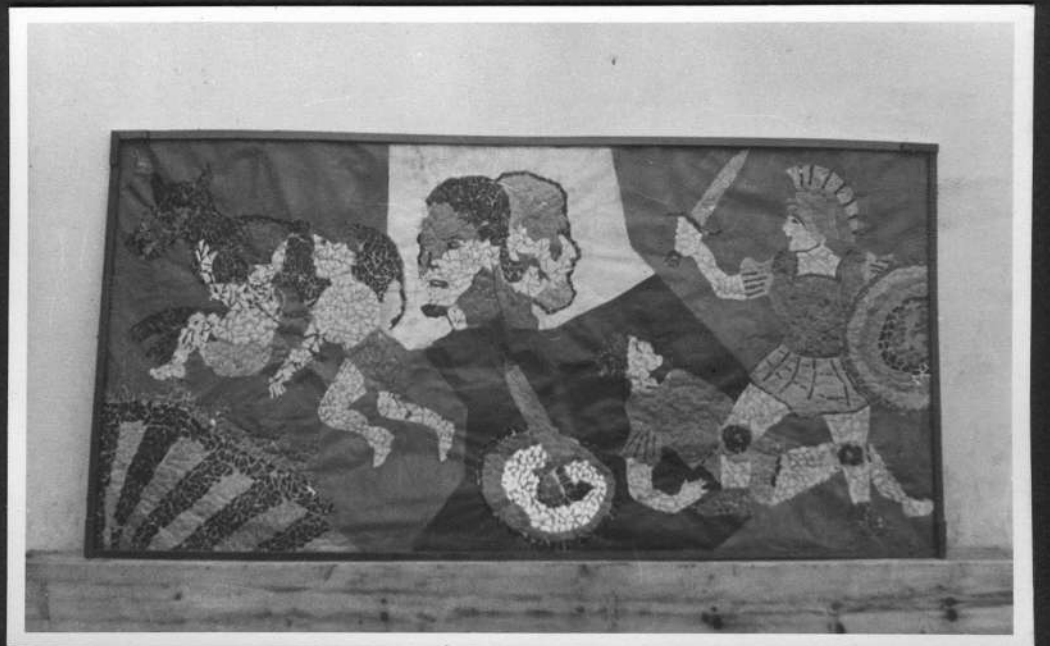
















Instituto de Educação "NARCISO PIERONI"

SOCORRO

# 4.a EXPOSIÇÃO GLOBALIZADA

## SEGUNDO REINADO

Como já se tornou tradição, o Instituto de Educação "Narciso Pieroni", de Socorro, realiza todos os anos, na Semana da Pátria, uma exposição globalizada, cujo tema é escolhido na última reunião do ano.

Para 1962 foi escolhido o "Segundo Reinado", que permitiu uma coordenação completa de todas as matérias, conforme se verifica pela lista abaixo:

- 1) — Album da Família Imperial — Administração — Este trabalho contou com a valiosa contribuição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e de seu Presidente, embaixador José Carlos de Macedo Soares, que doou duas gravuras do Imperador e da Imperatriz.
- 2) — A Biologia durante o 2.º Reinado — Prof. Renato Raul Gonçalves de Oliveira
- 3) — Brasil e Inglaterra — Prof. Fritz Ney.
- 4) — Carlos Gomes, Gênio do Som e da Harmonia — Profa. Wandercy Mantovani.
- 5) — Desenvolvimento econômico do Brasil Império — Profa. Maria José Baptista.
- 6) — Desenvolvimento químico na época de D. Pedro II — Prof. Nilo Bourdot Dutra.
- 7) — Uma Doença, um Cientista e um Imperador — Prof. Imir Baladi.
- 8) — A economia do Brasil no 2.º Reinado comparada com a atual — Profa. Delphina do R. Filomeno Mantovani.
- 9) — Educação Física — Profs. Hennis Lombardi e Geraldino Pinto.
- 10) — Escritores, poetas e Mecenas das Letras do 2.º Reinado — Monsenhor José do Patrocínio Gonçalves.
- 11) — L'exil de D. Pedro II — Profa. Magdalena Rozaria Thereza Signorelli.
- 12) — Fatos Históricos do 2.º Reinado — Profa. Helenita W. Albiéri Saragiotto.
- 13) — A Física na época de D. Pedro II — Prof. Herculano Henrique de Souza Netto.
- 14) — Globalização do Ensino: Centro de Interesse a Educação no Segundo Reinado — Profas. Olga Fernandes Gonzalez e Elzira V. Barbosa Ferreira.
- 15) — Instituto Agrônomo de Campinas — Dr. Tassara.
- 16) — A Literatura Brasileira no 2.º Reinado — Prof. João Rangel Simões.
- 17) — Meios de Transporte — Profs. Maria Stella Guedes Bueno e José Carlos de Oliveira Santos.
- 18) — Casa Grande na zona rural fluminense — Prof. Osmar Marcos R. Fontana.
- 19) — Símbolos Nacionais — Profa. Maria Dias de Oliveira.
- 20) — Sistema métrico decimal — Prof. Oswaldo Pazianotto.

OBSERVAÇÃO — Todos os trabalhos foram executados pelos alunos orientados pelos professores, com exceção do Album da Família Imperial executado pelos Srs. Lazaro R. Rovesta e José Pereira Duarte, funcionários do Instituto.

Desenho de CREUZA THEREZINHA PAOLINETTI



# Exposição «Reino Vegetal»

Instituto de Educação «Narciso Pieroni» Socorro

Dia 7 de Setembro de 1960

- 1.º—Stand: Administração: Café-Histórico-Amostras de café—O «café» mais antigo do mundo. Os «Cafés» mais antigos do Brasil.
- 2.º—Cadeira de Português: «A Planta e a Flor na Literatura Nacional»
- 3.º—Cadeira de Latim—«Florilegium Latinum»
- 4.º—Cadeira de Química—«Elementos Químicos da Planta»  
Cadeira de Matemática: «Participação da Planta na Renda Nacional»
- 5.º—Cadeira de Ciências Naturais—«Aproveitamento da Planta»
- 6.º—Cadeira de Francês:  
«A Flor e a Horticultura na Literatura Francesa»
- 7.º—Cadeira de História Geral e do Brasil  
O café, deixa sua Pátria, conquista o mundo e chega ao Brasil.  
História do café no Brasil
- 8.º—1.a série Experimental—«A Flora no Estilo Gótico»
- 9.º—2.a série Experimental—«A Planta na Bíblia»
- 10.º—2.a série Experimental—«A estilização da Planta na Escultura, Pintura, e Vitrais da Idade Média»
- 11.º—Cadeira de Trabalhos Manuais Femininos  
«Plantas do meio e seu aproveitamento no Artesanato»
- 12.º—Cadeira de Sociologia  
«O Desenvolvimento Agrícola como Condicionante de classes sociais, Educação, e Tipos Regionais»
- 13.º—) Cadeira de Educação e Educação Física
- 14.º—) «A Criança cresce como a Planta»
- 15.º—)
- 16.º—Cadeira de Geografia  
«Áreas Vegetais do globo e produções agrícolas de Socorro»
- 17.º—Cadeira de Canto Orfeônico  
«Instrumentos Musicais confeccionados com Madeira»
- 18.º—Cadeira de Inglês: «A Flor na Literatura Inglesa e Americana»

Comissão—Presidente—Itajahy Feitosa Martins

Membros—professôres—Cilda Dias, Maria Oneyde Russo, Dirçon Kammer, Geraldo Tabarani dos Santos e Herlan de Vasconcelos Conti.

«Artesanato e outros fatores de  
progresso»

*Caminha a escola atual para um alto conceito de Educação. Este conceito evolui no sentido de possibilitar ao jovem, um roteiro de pesquisas tendentes a aprofundar o contacto com o meio em que vive. A concepção de escola nova, facilita o contacto também com fatos novos que despertem a curiosidade, formando assim entre os discentes uma mentalidade atuante para que no futuro possam realizar-se melhor social e economicamente.*

*A tarefa que se propôs o IENP de Socorro é a de elevar o padrão cultural de seus alunos através de iniciativas como esta que apuram a sensibilidade estética dos educandos proporcionando mostras com técnicas inovadoras.*

*O estímulo, ao espirito criador encontra, o aluno na pesquisa do ambiente social em que vive, pois o contacto com o meio ambiente quando orientado, possibilita elementos concretos de observação.*

*São iniciativas como essas que infundem ao nosso educandario, uma atualização altamente elogiavel no trato das coisas do ensino. Que este seja mais um sucesso, receba a admiração da cidade e o apoio dos visitantes, compensando o esforço da direção, professores, alunos e funcionários.*

1) Artesanato da Pesca — Concepção artistica: Profª Lygia F. Sim -- Execução Lazaro R. Rovesta.

2) A Ciencia e o Progresso de Socorro—Prof Imir Baladi.

3) Biologia e Saúde—Prof Imir Baladi.

4) Artesanato nas regiões brasileiras — Prof. Dirçon Kammer.

5) Amor e constancia no artesanato indigena— Prof Itajahy Feitosa Martins.

6) O artesanato nas diferentes classes sociais— Profª Maria Dias de Oliveira.

7) Artesanato na escrita—Prof Geraldo Tabarani dos Santos.

8) Arte popular e Educação—Profª Olga F. Gonzalez -- Profª Elzira Valim Barbosa -- Profª Hellenia Lombardi Ribas.

9) Artesanato na Historia—Profª Wilma S. Andrade.

10) Formas geometricas do nhanduti—Prof. Fauze Calil Canfur.

11) O artesanato e a natureza—Profª Gilda M. Beltramelli.

12) Filatelia—Prof. Fritz Ney.

13) Artesanato em Socorro—Profª Cilda Dias.

14) Lenda do nhanduti—Prof Modesto V. Aites.

15) Classes Experimentais — Artesanato na Id. de Média 2.ª Serie — Professores Helenita Albicri e Itajahy Martins.

3.ª Série — Estudo do meio e artesanato Professores Odila Feres, Olga Bechara e equipe de professores da C. Experimental.

16) Instrumentos musicais indigenas — Profª Vandercy Mantovani

17) L'artisanat et la mode — Profª Vanda Vagonis.

18) Artesanato Romano—Prof Mons José do Patrocínio Gonçalves.



Ciências — Biologia — Trab. Manuais — E. Doméstica — Desenho — Sociologia — Educação e Ed. Física — História  
Matemática — H. Natural - Inglês — Português — Geografia — Cant. Orf. — Francês — Latim.





Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas  
Educacionais Anísio Teixeira  
Arquivo Histórico



**Página não digitalizada.**

Folha tamanho A1

CENTRO de INTERÊSSE

" O Centro de Interêsse não deve ser escolhido pelo mestre e nem imposto aos alunos como um novo programa. Ele correria o risco de não interessar à classe e de não atingir o seu objetivo.

Praticado como elemento essencial no método Decroly, êle corresponde às grandes necessidades da humanidade e introduz hamônicamente, o conjunto das disciplinas no estudo em curso, recorrendo aos três passos do pensamento: observação, associação no tempo e no espaço, expressão. Os educadores francêses das " classes nouvelles " não empregam sistematicamente êste método, mas êles se inspiraram, sem se prenderem.

È verdade que muitos centros de interêsses utilizados por êles estão apoiados em temas decrolianos:

- alimentação ( ex. alimentação na antiguidade e em nossos dias, os mercados, o comércio, etc...)

- luta contra as intempéries ( ex. inundações, incêndios, tremores de terra).

- ação e trabalho associado ( ex. artesanato, indústria local, meios de transportes , etc...)

Mas, na maioria das vêzes, os centros de interesse nascem de uma atração dos alunos por um determinado assunto, atração que surge espontaneamente, por acaso.

Os alunos não podem evidentemente, escolher sôzinhos, guiados pelo acaso. Se nos deixarmos guiar por êles, podemos chegar a uma confusão próxima da desordem. Parece-nos mais prudente oferecer-lhes um campo de exploração, previamente examinado pelo professor, bastante vasto para permitir escolhas, mas dentro dos limites do programa. O centro de interêsse torna-se então um meio de fixar seu entusiasmo, de agrupar, várias disciplinas e, portanto, vários conhecimentos.

Sem o abandono da ordem lógica ou da ordem histórica própria do ensino ministrado, os educadores empregam com proveito e alegria esta técnica que agrupa as energias e fornece à classe a coesão desejada: o tema escolhido por alunos e professores é então exposto por um dos professores no conselho de classe, discutido e aprovado, depois de enriquecido pelas sugestões dos demais professores as idéias brotam neste trabalho de grupo e todos se põem ao trabalho, desejosos de trazer sua contribuição pessoal. Os laços se estreitam entre alunos e professores, o que constitue mais uma das vantagens do centro de interêsse.

Estudo das " crianças do mundo ", tomando como ponto de partida os contos e as lendas dos diferentes países; monografias sôbre os grandes exploradores, apoiando-se na geografia geral do 6º ano; o grande tema mitológico da viagem dos argonautas; O Mediterrâneo e sua importância

- continuação -

no mundo antigo e no mundo moderno; o mar e seus diferentes aspectos pitorescos, econômicos, sociais, artísticos; as estradas da França e a sua posição na história de nosso país; as grandes descobertas; uma viagem; a fome no mundo; a noção de herói; os exemplos se multiplicarão... Os centros de interesse devem ser mantidos enquanto houver interesse; deve-se respeitar um certo limite de tempo para a sua duração; cabe ao professor despertar o interesse e procurar mantê-lo naturalmente, sem recorrer a artifícios. "

Mme. Hatinguais.





Não posso deixar de usar, à guisa de prefácio, trechos do artigo de Mme. Hatinguais, publicado na " Encyclopédie Pratique de l'education en France ", na apresentação do centro de interesse da 4ª série experimental de Socorro, no ano de 1962, pois partiram dela a inspiração e o estímulo para programação de todas as atividades das nossas classes experimentais.

A escolha do tema partiu da necessidade de os alunos conhecerem o livro considerado, sem exagero, como a " Bíblia da nacionalidade ", e da certeza que eu tinha de que poderíamos derrubar o tabu que o cerca, como derrubamos o de " Os Lusíadas ", livro lido, comentado e compreendido pelos alunos. A leitura se processou sempre em classe com o professor que, de antemão, preveniu os alunos das " dificuldades que iriam encontrar, - dificuldades que fizeram recuar centenas de alunos, incapazes de qualquer esforço e que, por isso mesmo, desconhecem um livro em que o heroísmo chega à loucura, um livro que nos conta a tragédia de um povo que não se rendeu". Foi um desafio, e eles o aceitaram. E chegaram ao fim do livro empolgados de tal maneira que não se importaram com horas extras de trabalho. A coordenação - caso raro, partindo-se de um livro, - foi perfeita, conseguida sem nenhum esforço e com tal riqueza de material que eu mesma me espantei. O processo de coordenação segue anexo, resumido no gráfico e, - por extenso, nas folhas que o acompanham.

Colaboraram no desenvolvimento deste centro os professores das - classes experimentais, a orientadora e, sobretudo, as professoras D. Elzira Valim Barbosa Ferreira, da cadeira de Educação, que procedeu com rara habilidade, no desbravamento do terreno e D. Delphina do Rosario Filomeno Mantovani, da cadeira de Matemática, que formulou todos os problemas de aritmética, álgebra e geometria.

||||||||||||||||

|||||

||

DR. OSWALDO GALOTTI

"O S S E R T Ő E S"

(RESUMO DO LIVRO)

CASA DE EUCLIDES DA CUNHA

São José do Rio Pardo

1 9 5 9.

## " O S S E R T Ő E S "

(RESUMO DO LIVRO).

Dr. Oswaldo Galotti  
(Ex-Diretor da CEC).

O LIVRO APRESENTA 646 PÁGINAS E ESTÁ, PELO ÍNDICE, DIVIDIDO EM 10 CAPÍTULOS:

A TERRA (58 páginas)  
O HOMEM (149 páginas)  
A LUTA (preliminares - 30 páginas)  
TRAVESSIA DO CAMBAIO (36 páginas)  
EXPEDIÇÃO MOREIRA CÉSAR (65 páginas)  
QUARTA EXPEDIÇÃO (45 páginas)  
COLUNA SAVAGET (42 páginas)  
O ASSALTO (67 páginas)  
NOVA FASE DA LUTA (37 páginas)  
ULTIMOS DIAS (55 páginas).

### A T E R R A

O autor começa descrevendo, geograficamente, o grande núcleo central brasileiro para chegar à região do Vaza-Barris, ao norte da Bahia, onde se passou a Campanha de Canudos. Demarca-a, e descreve sua flora, sua formação geológica e a influência do clima. Procura interpretar sua formação geológica. Estuda-lhe a hidrografia e a conformação orográfica.

Volta a considerar o clima da região expondo uma teoria sobre as sêcas. Descreve geograficamente as caatingas com toda sua flora específica e a influência que elas sofrem dos climas. Então chega ao "agente geológico notável - o homem", que, reagindo brutalmente contra a terra madrastra, vem, historicamente desnudando-a, fazendo de sertões.

Considera as maneiras de combater os desertos com açudes, etc. Só assim combateria o martírio que ali sofre o homem, e que é consequência do "martírio secular da Terra".

Com a descrição do sertão de Canudos sumaria toda a fisiografia do Nordeste.

### O H O M E M

Inicia, expondo o autectonismo do "homo americanus". Depois

considera a influência da variabilidade mesológica nos três elementos essenciais de nossa formação étnica, dando a gênese das sub-raças, mestiças, do Brasil. Daí a heterogeneidade racial brasileira e a impossibilidade de futura unidade de raça entre nós, devido a particularidades específicas de cada elemento formador, tão dispar. Para confirmar sua teoria cita exemplos em nossa História.

Mostra o jagunço em sua gênese, esparramando-se do Maranhão à Bahia, passando pela gênese do mulato. Expõe a função histórica do Rio São Francisco na dinâmica social dos jagunços, descendentes de paulistas, e no aparecimento dos vaqueiros que se insularam nas regiões do interior. Neste ponto surge Canudos, aglomerado de elementos de uma subcategoria étnica já constituída: o sertanejo do norte. Mas a mistura de várias raças dá o tipo desequilibrado, possuidor da moralidade rudimentar das raças inferiores. Insulados, ficaram porém livres de uma adaptação, penosíssima, a um estágio social superior. Faz análises desses nossos patricios: o sertanejo, o gaúcho, estabelecendo comparações entre eles. Fala sobre o jagunço, as vaquejadas, a arribada.

Descreve as tradições dos vaqueiros, o estouro da boiada, o folclore, a influência das secas, a religiosidade mestiça. Conclui que as agitações sertanejas são baseadas no fanatismo. Canudos, por exemplo, é uma agitação nordestina, baseada no fanatismo. Monte Santo já era um lugar lendário. Daquela complexidade étnica e sob aquelas influências ecológicas e sociológicas era inevitável o aparecimento de um Antônio Conselheiro. Fizeram-no santo devido ao seu misticismo estranho, quase um feiticeiro. Ele não deslizou para a loucura, porque o ambiente o amparou, respeitandoo. Antônio Conselheiro descendia de cearenses do norte, de gente arrelenta que há 50 anos sustentava uma rixa de família. Infeliz no casamento — abandonado pela esposa raptada por um policial, e por isso fulminado de vergonha — embrenha-se nos recessos dos sertões, surgindo incógnito, missionário sombrio, no nordeste baiano. Era produto condensado do obscurantismo de três raças, oriundo em torno de si lendas que se espalhavam por toda aquela imensa região. A Igreja tentou intervir, inútilmente. Canudos, que era um lugarejo obscuro antes da vinda do Conselheiro, revivesce com sua chegada, em 1893, crescendo rapidamente, a pau a pique, chegando a possuir 5000 casas, com 15000 a 20000 habitantes.

Todo sertanejo que ali chegasse tornava-se logo um fanático. E, como muitos deles eram bandidos, saqueavam lugarejos, conquistavam cidades vizinhas, depredandoo-as. Eram subchefes do Conselheiro: José Venâncio, com 18 mortes; Papéu e seu ajudante-de-ordens Lalau; Chiquinho e João da Mata, Pedrão, safoz brutal; Estevão, dia

forme, tatuado à faca e à bala; Joaquim Tranca-pés; "Major" Saria-  
ma; o tragicômico Raimundo Bôca-Torta, do Itapicuru; o ágil Chico  
Ema; Norberto; o velho Macambira e seu filho Joaquim; Vila Nova; a  
figura ridícula, de mulato espigado, de Antônio Beato, meio sacris-  
tão e meio soldado; e o chefe de todos, João Abade.

Pregavam contra a República, sem convicção, mais "como  
variante forçada ao delírio religioso".

Um capuchinho lá estivera ára convertê-los todos. Nada  
conseguiu. Voltando, amaldiçoou-a.

## A LUTA

(Preliminares)

Uma desavença antiga com o Juiz de Direito de Juazeiro e  
a não-entrega da madeira adquirida nessa cidade para o remate da  
igreja nova de Canudos, em outubro de 1896, determinaram uma ame-  
aça de assalto àquela cidade por parte do Conselheiro.

Ameaçado, o Juiz de Direito pediu auxílio ao Governador  
do Estado da Bahia. Foi, então, enviada uma força de cem praças, de  
guarnição estadual, para bater os fanáticos de Canudos. Essa 1ª Ex-  
pedição de Canudos foi comandada pelo tenente Manuel da Silva Pires  
Ferreira; após longa caminhada, bivacou, exausta, em Uauá.

Atacada de surpresa pelos soldados de Antônio Conselheiro,  
abandona a luta.

"O revés de Uauá requeria reação segura". (E.O.)

A 2ª Expedição, comandada pelo major Febrônio de Brito,  
da força estadual, veio melhor aparelhada, formada de 543 praças e  
3 médicos. Seria a "1ª Expedição regular" contra Canudos. Os fanáti-  
cos eram comandados por João Grande, João Abade, Pajeú, Macambira (pai  
e filho), José Venâncio e outros.

## TRAVESSIA DO CAMBAIO

A 2ª Expedição fez base em Monte Santo e muito sofreu no  
ataque planejado, na Travessia do Cambaio, não conseguindo chegar até  
o arraial de Canudos. Retirou-se em condições penosas.

## EXPEDIÇÃO MOREIRA CÉSAR.

(3ª expedição)

A 3ª Expedição, comandada pelo Coronel Antônio Moreira  
César, mais numerosa e melhor equipada que as duas primeiras, fez ba-  
se, também, em Monte Santo. Eram 1300 combatentes, fartamente muni-  
ciados, com 15 milhões de cartuchos e 70 tiros de artilharia. Não  
passava pela idéia de ninguém um revés. O primeiro encontro foi no

ribeirão de Pitombas. João Abade, o "corta-babeças", estava no comando da defesa dos jagunços.

Seguiram e fizeram base no alto da Favela, defronte de Canudos e daí avançaram sem assegurar a retaguarda ou garantir os pontos perigosos da travessia. Na investida contra a Tróia de taipa dos sertanejos tiveram de recuar. Nessa retirada perderam o comandante Moreira César e pouco mais tarde seu substituto, Coronel Tamatindo, que os jagunços ergueram, empalado, no galho seco de um an angico.

#### QUARTA EXPEDIÇÃO

Alarmada com os resultados da luta, a nação tãda envia batalhões para combaterem os jagunços. Do Rio Grande do Sul, do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro, Bahia, etc. seguiram soldados regulares para enfrentar inimigo odioso. Eram 5000 homens em 6 Brigadas. A 1ª, 2ª e 3ª Brigadas eram comandadas pelo General João da Silva Barbosa, e a 4ª, 5ª e 6ª comandadas pelo General Cláudio de Amaral Savaget. O General Artur Oscar era o comandante em chefe.

As duas colunas partiram de pontos diversos e deviam encontrar-se em Canudos. Estavam com abundância de material de guerra.

A 1ª expedição foi na frente e tomou o caminho das expedições anteriores. Repetiu-lhas os erros. Acampada defronte de Canudos, sitiou o arraial e, em conjunto com a Brigada do General Savaget, investiu-o sem êxito.

#### COLUNA SAVAGET

A coluna do General Savaget partira de Aracaju. Possuía 2350 homens. De Jeremoabo a Canudos fazia marcha esclarecida e firme. À margem do Vaza-Barris deu-se o primeiro combate, Combate de Cocorobó, que termina com o ataque dos lanceiros em formidável carga de baionetas e fuga dos jagunços. No dia seguinte, a peleja continua, em combate reñhidissimo (Combate de Macambira), com a morte do Tenente-Coronel Sucupira.

Unidas as duas colunas, a guerrilha continuou, crônica, em refregas furiosas e rápidas, longas reticências de calma, pontilhadas de bala.

Os jagunços atacaram a "Matadeira": 11 fanáticos invadiram o centro do acampamento militar para destruir o canhão "Withworth 32", que eles a pelidaram "a Matadeira". Comandava-os Macambira. 10 foram mortos a baio nota, tendo 1 escapado miraculosamente, varando as fileiras agitadas.

As tropas aguardavam uma brigada salvadora.

## C ASSALTO

As duas colunas, reunidas defronte de Canudos, resolveram atacar; delineou-se o ataque. Eram 3349 homens, divididos em 5 brigadas. Seguiram alta madrugada. Tomaram posição de combate perigosíssima e impraticável.

Quando a luta começou, levaram desvantagem; caíram em desordem. Despençavam pelos cerros abaixo. E os jagunços, invisíveis, das tocaias e dos esconderijos, fulminavam as brigadas. Sitiado o arraial, a investida fôra sem sucesso. Desorganizados os batalhões, cada um lutava pela sua vida.

Nessas condições "eram por igual impossíveis -- o avanço e o recuo".

Tiveram quase 1000 baixas, entre mortos e feridos.

O General Artur Oscar avaliou o estado das coisas e pediu um corpo auxiliar de 5000 homens. Seguiu, então, a Brigada Girard, dirigida pelo General Girard. Eram 1042 praças, 68 oficiais e 850000 cartuchos Mauser.

Essa brigada não conseguiu repelir o inimigo, e a retaguarda tinhasido alvejada.

Quando as primeiras levadas de feridos e mortos chegaram à cidade do Salvador, a Nação, surpreendida, abalou-se! Não era possível!

## NOVA FASE DA LUTA

Então, foi ao teatro da luta o próprio Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt. Os novos reforços montavam a 3000 homens, divididos em duas brigadas, comandadas pelo Coronel Sampaio e pelo General Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, respectivamente. Conhecedor frio da arte de combater e descobrindo o motivo das derrotas anteriores, conseguiu (o Marechal Bittencourt) a vitória da 4ª Expedição e o aniquilamento de Canudos. Só fez usar o bom-senso aplicado à técnica militar, transe mudando aquêle conflito enorme, prodígio em inúmeras bravuras, numa campanha regular. Alguns chefes jagunços já haviam desaparecido: Pajeú, João Abade, Macambira, Venâncio, Restaven Pedrao, Norberto e outros. A 22 de agosto de 1897 falecia Antônio Conselheiro. Os jagunços já não resistiam; recuavam. Canudos estava bloqueada. A insurreição estava morta.

Obs.: Fazendo parte do reforço, estava um batalhão policial de S. Paulo, ao qual se incorporou Euclides da Cunha como observador de campo da luta.

## ÚLTIMOS DIAS

## ÚLTIMOS DIAS

Fato imprevisto: o inimigo, agônico, reage inesperada e vigorosamente. Mas logo depois decai a reação, atingindo o desenlace.

Os soldados da República impunham às vítimas cenas cruéis: "Agarravam-nas pelos cabelos, dobrando-lhes a cabeça, esgargalhando-lhes o pescoço e, francamente exposta a garganta, deglavam-nas", ou, "enleado o pescoço da vítima uma tira de couro", estrangulavam-na. Rivalizavam com os jagunços em barbaridades.

A 28 de setembro Canudos não respondeu às suas salvas de vinte tiros. Era o fim. Foi dinamitada com 90 bombas nesse dia, terminando em incêndio. Entregou-se o Beatinho e entregaram-se as mulheres e crianças. Fêz-se pequena trégua, depois da qual recomeçou o tiroteio:

"Canudos não se rendeu, ..... resistiu até ao esgotamento completo".

.....

Publicação da CASA DE EUCLIDES DA CUNHA, dependência do SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO ARTÍSTICA, da SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO GOVERNO.

Diretor da C.E.C.: Prof. Márcio José Lauria.  
Técnico de Museu: João Baptista Angelo.

Acabou-se de imprimir este trabalho no dia 7/XI/1959.



CENTRO DE INTERESSE

" OS SERTÕES

- EUCLIDES DA CUNHA

4ª SÉRIE EXPERIMENTAL

EXPRESSÃO

=====

ABSTRATA

- I - Português: Leitura  
Gramática  
Iniciação a análise Literária  
Literatura: 1) biografias; 2) folclore- estudo das trovas.  
do sertanejo.
- II - Música: notas do aboiado , desafios, samba, choradinho, cateretês,  
sapateado, rasgado, baião.
- III - Inglês: Das expressões inglesas - gramática e tradução.
- IV - Francês: leitura, tradução, gramática de textos literários sobre a  
Vendée.

CONCRETA

- I - Trabalhos Manuais e Desenho:  
a) Em Xilogravura:  
1) Canudos não se rendeu ( 541)  
2) ... E surgiu na Bahia o anacoreta sombrio... (142)  
3) ... E ali estacou feito um animal fantástico ( 28)  
4) Vibra uma trepidação no solo, e a boiada estoura  
( 113).
- b) Pequenos baús de cedro, bancos e graus grosseiros,  
redes, berços de cipó, balaios de taquara, jacás, tecidos  
de algodão, oratórios, brocas de couro, alpercatas,  
candeeiros, figas, cruzes, rosários.
- II - Educação Física: 1) cateretês  
2) sapateado  
3) baião.
- III- Geografia : cartogramas

A S S O C I A Ç Ã O

=====

NO TEMPO

- I - História do Brasil: 1) genesis do jagunço  
2) A função histórica do Rio São Francisco  
3) Jesuitas na Bahia

- 4) Tipos humanos
- 5) Fatores históricos da religião mestiça
- 6) Antonio Conselheiro - Documento vivo de Atavismo.
- 7) Como se faz um monstro
- 8) Canudos
- 9) A guerra de Canudos como um refluxo em nossa história
- 10) A luta

II - Francês : - Vendée

III - Inglês:- Capulet e Montaigus  
Araujos e Maciéis

IV - Latin:- Analogia com a História Romana: versão e tradução

V - Catolicismo de Folk

### NO ESPAÇO

I - Geografia:- A Terra

Planalto Central

Geologia e Relêvo

Clima

Vegetação

Hidrografia

O Homem: Raças, grupos étnicos

Cidades: Canudos, Monte Santo, Queimadas.

Meios de Comunicação

### O B S E R V A Ç Ã O

I - Ciências Naturais:-

Botânica:- 1) família

A- Plantas: a) Nome popular e científico

b) sua aplicação

alimentação

medicina caseira

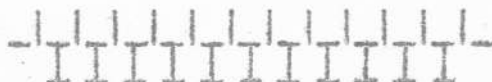
artesanato e indústria ca-  
seira.

II- Práticas Agrícolas:

O deserto: como se cria, como se extingue.

III - Matemática e Geometria

Questões de Geometria, Algebra e Aritmético, formuladas com dados de " Os Sertões ".



CENTRO DE INTERESSE

"OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

C A D E I R A D E P O R T U G U Ê S

A - LEITURA: 1) individual - 2) em equipes - 3) em classe.

Na leitura em classe, os alunos, orientados pelo professor, salientarão os trechos que mais se destaquem pela beleza literária, pelo emprêgo de figuras de estilo, fazendo, quando possível, comparações com trechos de outros autores conhecidos.

Isto possibilitará ao aluno uma " Iniciação à Análise Literária".

B) - GRAMÁTICA - ( Todo e qualquer estudo partirá sempre do texto)

I - Morfologia - a) palavras: primitivas  
derivadas

b) Formação de

Palavras : prefixos: gregos , latinos

sufixos: formadores de Substantivos - Adjetivos e Verbos.

tema

radical.

c) Classificação de Palavras: Variáveis

Invariáveis.

Estudo de tôdas categorias gramaticais.

II - Sintaxe - Firmar as noções já adquiridas e continuar o estudo da Sintaxe.

a) Oração: Têrmos Essenciais: Sujeito, Predicado

Têrmos Acessórios: Adjunto Adnominal

Adjunto Adverbial

Apôsto

Vocativo.

b) Períodos: Oração Principal

Orações Coordenadas

Orações Subordinadas

III - Fonética

Fonemas: definição

classificação: surdo, sonoro, oral, nasal

( continua)

Vogais		Classificação
Semivogais		
Consoantes		

Ditongos

Tritongos

IV - Gramática Histórica

Serão dadas noções gerais a respeito das modificações sofridas pelas palavras na sua evolução: AFÉRESE = APÓCOPE = GRASE = HAPLOLOGIA, etc.

V - LITERATURA

Biografia do autor

Obra iniciada a título de reportagem que se tornou verdadeira Epopéia.

Estudo das trovas dos sertanejos.

//////////  
 TTTTTTTTTT

A POESIA DE "OS SERTÕES"

EXTRATOS DE GUIMERES DE ALMEIDA

De poesia legítima - obra de artista e não de artífice - está todo sublinhado e sublinado o grande livro, a que deveríamos chamar apenas - "O Livro", com Maiúscula, porque é ele, para o brasileiro, uma Bíblia, um Coração, um Talmud.

Não se diga ser essa uma poesia meramente casual. Foi no ápice de sua maturidade quando já vingada, florida e frutificada a dura lavra de "Os Sertões", um ano antes da morte trágica que Euclides da Cunha se confessou poeta. Foi precisamente a 30 de setembro de 1908, quando prefaciando os incríveis "Poemas e Canções" de Vicente de Carvalho, num misto de dúvida modesta e desconfiada antecipação, escreveu, primeiro:- "Aos que se surpreenderam de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas"... corajosamente, revelou adiante:- "... quando nos vamos pelos sertões ao fora, um reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhamos pontos nos céus, contrafazendo a lira, que eles já não usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silenciosa das esferas, e seguimos no deserto, como os poetas seguem na existência... a ouvir estrófas"...

Nas ora uma lira do poeta e sextante do engenheiro. Assim, nesse alheado encantamento, caminha Euclides com o passo metódico dos párias marginais do sonho. E essa marcha cantante faz cantar de poesia o chão bruto, brutaemente trilhado, de "Os Sertões".

Pelo incluído roteiro euclidiano, vai colhendo, página a página - de "A Terra" e de "O homem", as flôres de altura que de passagem fêz abotoar ao milagre o luminoso viajor.

Alguns exemplos de verso regular de métrica rigorosa.

Logo à página 3, na firme descrição do faísca geográfico do hinterland baiano, este decassílabo de acento:

" Num ondear longinquo de chapadas ... "

Propositadamente o poeta evita o ditongo do verbo ondear, contando três na voz de duas sílabas; recorre técnicas para alargar o verso e, conseqüentemente, a perspectiva que ele descreve.

Na página seguinte, outro de igual medida:

" Os recessos das matas opulentas... "

É este alexandrino ternário: ( 8 )

" O antagonismo permanente das montanhas ... "

Mais dois decassílabos de alto quilate:

" Da antiga cordilheira desabada... "

" A sociedade rade dos vaqueiros... "

Note-se em detalhe: duas versos são terminais de parágrafos, o que sugere ao autor um subconsciente vontade de verificação, esperando sempre ao criar o versificante " camp de abstrato " de facto grandioso.

A página 10, descrevendo a Terra Ignota, um decassílabo e um alexandrino seguidos imediatamente:

" O rabisco de um rio problemático "

" ou idealização de uma corda de serras".

E na página seguinte, este outro verso de dez sílabas:

" das camadas cretáceas decompostas".

Mais uma página voltada a mais dois versos de métrica idêntica, separados apenas umas vinte linhas:

" a ossadura partida das montanhas "

" e paragem sinistra e desolada".

Mais dez linhas paradas, versos decassílabos seguidos, fechando os períodos:

" esgarçando a tênue capa

das areias que o revestem".

E, curvas das linhas paralelas, este outro decassílabo de alta rima e sugestivo colorido:

" o parde requemado das caatingas".

É notável a preferência de Acilides pelo verso decassílabo. Há nisto, certo, uma imposição estética, pois que essa, de dez sílabas, é a medida poética do verso português, a prouta uniforme é " Ce Lusitano".

Fácilmente, sem nenhuma sobrecarga trabalho de pescador de pedras, são, surpreendidos, com folhagem apenas atenta d' " de serenas", perfeitos versos de métrica véria que invejaria qualquer lapidário de mesmo valor e melhor preço:

" Aspecto atormentado da paisagem". ( 11 )

" numa trama vibrãtil de centelhas". ( 26 )

" No expandir das colunas aquecidas". ( 26 )

" de tiros espaçados e solunos". ( 27 )

" A imprimadura negra da tormenta". ( 41 )

" Barbaramente estôreis

Maravilhosamente exuberantes"... ( 46 )

" O sertanejo é, antes de tudo, um forte". ( 101 )

" A realidade típica dos fracos". ( 101 )

" Os meandros das trilhas sertanejas ". ( 101 )

" O de guerreiro antigo, exausto da refrega". ( 105 )

" Visando-o pelo cano da espingarda". ( 107 )

" Oculto no esbranço das tocasias"... ( 107 )

" Melancolicamente as notas do aboiado". ( 127)

" As notas melancólicas do aboiado". ( 114)

" e pelo passo tarde do profeta". ( 159)

Na fantástica descrição do inferno de Canudos - toda ela em verso - surge esta entupida parolha de decassílabos, como fôsse proposital:

" gandaciros de todos os matizes,

recidivos de todos os delitos". ( 177)

Tão dominante é em Euclides, como em todo grande poeta, essa precisão de técnica de chave-de-ouro, que a derradeira linha do "Da sertão", a última do "A Luta", contém, na macabra descrição do cadáver de Conselheiro, um dos mais belos versos alexandrinos jamais composto em nossa língua, pela profundidade de fundo e pela formosura da forma, ôste verso magistral:

" as linhas essenciais do crime e da loucura"... ( 542 )

Mas, poesia não é apenas verso. Antes e acima da métrica está o ritmo que, como Deus, primeiro. Poesia é, essencialmente, ritmo no sentir, no pensar e no dizer. Nem só do metro vive ela, como nem só do pão vive o homem. Vive, principalmente, de imagens, como principalmente, vivemos de sonhos. A imagem é a luz que projeta o verso.

Pródigo de " Imagerie " é o grande livro de Euclides. Vou juntando ao acaso, num ramilhete de estrélas, algumas das suas cintilantes imagens poéticas.

Descrevendo o clima cruel do sertão:

" A terra irradia como um sol escuro" ( 27)

" Colado ao dorso dêste, confundindo-se com ôle, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco". ( 102 )

" Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fôsse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fôscas e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias". ( 105 ).

" Era truanesco e pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do apocalipse". ( 148)

" Palavra de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sâtiros". ( 150)

" Troia de taipa dos jagunços". ( 160)

" A natureza tôda protege o sertanejo. Talha-o como anteu, indomável. É um titã bronzado fazendo vacillar a marcha dos exércitos".







Vendée - ( guerres de ), guerres civiles que soulevèrent dans l'Ouest, pendant la Revolution, les prêtres et les nobles, su nom du principe monarchique. Cathelineau, Charette, Stoffet, Lescure, Bonchamp furent les principaux chefs du mouvement ( 1793 ). Les Vendéens furent d'abord victorieux à Chantonay, à Fontenay, et s'emparèrent de Saumur, mais le comité de salut public envoya en Vendée Kléber, Marceau et Canclaux à la tête de l'armée de Mayence et les bleus reprirent l'avantage à la bataille du Cholet, où périrent d'Elbée et Bonchamp, pris à la journée du Mans et enfin à Savenay ( 23 déc. 1793 ). En février 1795 la Convention signa avec Charette et Stoffet la pacification de la jaunaye. Après l'affaire de Quiberon, la prise et l'exécution de Charette et Stoffet, Hoche réussit à pacifier le pays. Des mouvements royalistes moins graves devaient encore troubler la Vendée en 1815 pendant les Cent-jours et en 1832, au profit de la duchesse de Berry .

Morceau d'explication de Vendée, d'après le " Petit Larousse "

Vendée - ( guerres de ), Soulèvement provoqué en 1793m chez les paysans de Bretagne, du Poirou et d'Anjou, par la contitution civile du clergé et la levée en masse, Cathelineau, Charette, Stoffet, Lescure, Bonchamp en furent les principaux chefs. Après quelques succès à Fontenay et à Saumur, le mouvement fut vaincu par Kléber, Marceau ( 1795-1796 ) et surtout par Hoche , qui réussit à pacifier à peu près complètement le pays.

---

Morceau d'explication de Chouan et Chouannerie, d'après le " L.U. "

Chouan - n.m. - Insurgé royaliste de Bretagne, de Normandie, de Vendée sous la 1<sup>ere</sup>. République.

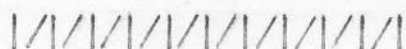
Chouannerie - n.f. - ( de Jean Cottereau, dit Jean Chouan, chef insurgé royaliste de la Mayeune, qui imitait le cri du chouan ou chat-huant pour avertir les siens ). Nom Général donné aux insurrections royalistes des Bretons et du Bas Maine contre la République entre 1793 et 1800. Encyel. - Les insurrections précédèrent la guerre de Vendée proprement dite et se perpétuèrent, sous la direction de Cottereau, Courtyllers Cadoual, Frotté, jusque sous le consulat de l'Anjou, la Bretagne, etc...

Chat-huant - ( chauan ) - Haspiré - ( l v. cavannus, orig. gaul ) - altéré sous l'influence de chat e huant - nom vulgaire de la chouette des bois, dite aussi hulette ( genre d'oiseaux, rapaces nocturnes de la famille des strigidés ).

Morceau d'explication de Chouan et Chouannerie, ( d' après le " P.L. " )

Chouannerie -, nom général donné aux insurrections royalistes qui précédèrent la guerre de Vendée proprement dite et se perpétuèrent, jusque sous le Consulat, dans le bas Maine, une partie de l'Anjou, la Bretagne, etc. Sous la direction de Jean Cottereau, dit Jean Chouan, les paysans s'armèrent, se dissimulèrent pour ne pas servir aux armées de la République

après 1793. Ils rallièrent un moment les Vendéens, ( Savenay, Quiberon); un des leurs chefs, Louis de Frotté, fut exécuté en 1800 sous l'ordre de Bonaparte. Les Chouans, dont G. Cadoudal Chercha à ranimer le mouvement, combattaient sous de faux noms; par extension on désigne sous le nom de Chouans tous les royalista de l'Ouest.



" E Canudos era a Vendéia ... " ( 182 )

---

" Mau grado os defeitos de confronto Canudos era a Vendéia, O choucan e as charneças emparelham-se bem como o jagunço e as caatingas. O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias ser vidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa, permitiam que se lembrasse aquêlê lendário recanto da Bretanha, onde uma revolta, depois de fazer recuar exercitos destinados a um passeio militar por tôda a Europa, só cedeu ante as divisões volantes de um general sem fama, " as colunas - infernais do General Turrean - pouco numerosas mas céleres, imitando a própria fugacidade dos Vendeanos, até encurralá-los num círculo de dezesseis campos entrincheirados.

Não se olhou, porém para o ensinamento histórico.

É que se prestabelecera a vitória inevitável sôbre a rebeldia sertaneja insignificante " ( 218 ).

---

O espantallo da restauração monárquica, negrejava, de novo, no horizonte político atreado de tormentas. A despeito das ordens do dia em que cantava vitória, os sertanejos apareciam como os chouans depois de Fontenay.

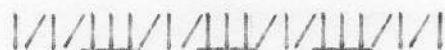
Olhava-se para a história através de uma ocular investida: o bronco Pajéu emergia com o fâcies dominador de Chatelineau. João Abade era um - Charrete de chapéu de couro " ( 421 )

666

666

---

" Pela Barroca passavam centenares de quadrilheiros armados, seguindo o mesmo rumo. Citavam-se nomes de novos cabecilhas. Apelidos funambulescos, como o dos chouans: Pedro, o Invisível, José Gamo, Caco de Ouro; e outros: ( 435 ).



CENTRO DE INTERESSE

" OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

C A D E I R A   D E   L A T I M

IPUEIRAS - lagoas mortas.

Algumas denotam um esforço dos filhos do sertão. Encontram-se, orlando-as, erguidas como represa entre as encostas, toscos muramentos de pedra seca..... Mas transpostos estes pontos - imperfeita cópia das baragens romanas remanescentes na Tunísia - entra-se outra vez nos areais exsiccados". ( 13 )

" Os romanos depois da destruição de Cartago, tinham pôsto ombros à empresa incomparavelmente mais séria de vencer a natureza antagonista. Perceberam com segurança o vício original da região, estéril menos pela escassez das chuvas do que pela sua péssima distribuição adstrita aos relêvos topográficos. Corrigiram-no . . . ( 52 )

" Ganudos estereotipava o fácies dúbio dos primeiros agrupamentos barbáros" ( 168 )

" Feitas de pau a pique e divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana: um vestibulo exíguo, um átrium servindo ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantas e recepção; e uma alçova lateral, furna escuríssima mal revelada por uma porta estreita e baixa. Cobertas de camadas espessas de vinte centímetros de barro, sobre ramos de icó, lembravam as choupanas dos gauleses de César. Traíam a fase transitória entre a caverna primitiva e a casa. ( 164 )

" Tomara-lhe a frente um memaluco possante - rosto de bronze afeiado pela pátina das sardas - de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto. Este campeador terrível ficou desconhecido a história". ( 245 )

" Tinha um plano único - ir a Ganudos... Não recuaria. Alterou um verbo na frase clássica do romano e seguiu. Chegou; viu; e ficou ". (391)

" Lembrava um gladiador possante entre boximanes irrequietos ". ( 396 )

EXPRESSIONES LATINAS

" Terra ignota, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras ". ( 10 )

\*\*\*-\*\*\*-\*\*\*-\*\*\*-\*\*\*

" Rompendo, porém, a região selvagem, desertus austral, como a bar-



CENTRO DE INTERESSE : "OS SERTÕES" DE EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.

1 9 5 2

QUESTÕES DE GEOMETRIA, ÁLGEBRA E ARITMÉTICA, FORMULADAS COM  
DADOS DE "OS SERTÕES"

GEOMETRIA

- 1) "Eles perceberiam o tiroteio longinquo do 5º de polícia a braços com os jagunços". - a duas iguas de distância...  
Depois de quanto tempo o percebiam se o som percorre 340 metros por segundo? (357)
- 2) "A coluna em marcha de 2 léguas por dia, beirando o Vasa-Barris, passando sucessivamente pelos pequenos sítios de "Passagem", - "Cana-Brava", "Brejinho", "Manari", "Canche", "Estrada Velha" e "Serra Vermelha", chegou àquele ponto a q25 de junho, certa de encontrar o inimigo". -  
Quantos km vinha percorrendo desde 4 de maio? (pg.362)
- 3) "Mas de minuto em minuto, com precisão inflexível, caía uma bala entre os batalhões, escolhendo entre milhares de homens, uma vítima qualquer". -  
Quantas vítimas faria em 18 horas? (pg. 388)
- 4) "Distribuída a última ração - um litro de farinha para 7 praças" ... equivalia a .... di para cada um. (pg.416)
- 5) "Eram mais dezesseis léguas extenuantes, mais seis ou oito dias de anaguras, sob o cauterio dos normãos crestadores". - equivaliam a quantos km por dia? (pg.429)
- 6) Os soldados deveriam vencer 12800 m em 3 dias; qual deveria ser a caminhada diária em km? (pg.340)
- 7) Ora, enquanto o comandante geral seguia rapidamente naquele dia, chegando em pouco tempo com a vanguarda a Juá, caminharam 7600 m além de Gitirana; depois mais 12800 m, quantos km andaram?(pg.340)
- 8) O estranho território, a menos de 40 léguas da antiga metrópole, predestinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos da nossa história ;.. isto significa .... km da antiga metrópole. (pg.10)

ÁLGEBRA

Resolvidos com equação do 1º grau a uma incógnita.

- 1) O número de feridos mais 20 era igual ao dôbro do número deles menos 35. Determiná-lo.

- 2) "A primeira coluna tivera naquele dia 524 homens fora de combate que, com 75 da véspera, somavam 599 baixas". -

A diferença entre o número de baixas da 1ª coluna e o da 2ª coluna era, naquele dia, 2 centenas e 72 unidades. Determinar cada número, se a soma deles é 926. (pg.378)

- 3) "Participo-lhe que a sua boiada está no despotismo. Somente  $\frac{1}{2}$  da ela deu o couro às varas,  $\frac{1}{2}$  tropejou no mundo e o resto foi localizado". -

Determinar o total se metade do resto equivale a 4 bois. (pg.109)

- 4) "Ali acantonaram 543 praças ...". -

O número de praças do 1º Batalhão somado com 5 e o resultado dividido por 4 dá 137 como quociente. Determiná-lo. (pg.227)

- 5) Segundo Fernão Cardia o número de habitantes do sertão era, aproximadamente, de 12 000 habitantes, sendo que o número de negros era o dobro do número de brancos, e o de índios, o triplo do número de brancos. Determinar o número de brancos, índios e negros. (pg.79)

- 6) "Ali acantonaram 543 praças, 14 oficiais combatentes e 3 médicos - toda a primeira expedição regular contra Canudos". -

Ali acantonaram 560 homens, de tal forma que o nº de oficiais excedia o número de médicos em 11 e o número de praças excedia de 11 o produto do número de oficiais por 38. Determinar o número de praças, de oficiais e de médicos. (pg.227)

### ARITMÉTICA

- 1) "Entravam em ação 3349 homens repartidos em 5 brigadas". -

A 1ª com 2 batalhões, a 2ª com o dobro do número de batalhões da 1ª; a 3ª com o mesmo número da 1ª; a 4ª com 2 e, finalmente a 5ª e última também com 2; admitindo-se que os batalhões tivessem o mesmo número de homens, qual deveria ser esse número? (pg.401)

- 2) "De 25 de junho, em que trocaram os primeiros tiros, com o inimigo, até 10 de agosto, tivera a expedição 2 049 baixas". -

Se a diferença entre o número de baixas da 1ª coluna e da 2ª era de 293, qual o número de baixas de cada uma das colunas? (pg.433)

- 3) Se de 25 de junho a 10 de agosto as baixas foram de um total de 2 049, qual foi a média diária de baixas? (pg.433)

- 4) "A Brigada Girard. Eram 1 110 homens, perfeitamente armados e levando para a luta insaciável o repasto esplêndido de" -

8 centenas de milhares e 50 dezenas de milhares de cartuchos Mauser. Quantos cartuchos faltavam para um milhão? (pg.441)

- 5) "Os recém-vindos entregavam ao Conselheiro 99% do que traziam incluindo os santos destinados ao Santuário comum". -

Se trouxessem 2 sacos de 60 kg de feijão, quanto deveriam dar-lhe? (pg.1691)

- 6) "Acabaram-se as munições de boca. Foram abatidos os dois últimos bois para 500 combatentes". -

Admitindo-se que cada um deles pesasse 10 arrôbas, quanto caberia a cada combatente? (pg.236)

- 7) "Eram ao todo 1281 homens - tendo cada um 220 cartuchos nas patronas e cargueiros, à parte a reserva de 6 dezenas de milhares? -

Dar o total de cartuchos e  $\frac{1}{4}$  deles. (pg.277)

- 8) "Era assombroso: o 7º batalhão teve em meia hora 114 praças fora de combate, e 9 oficiais". -

perdendo-se, assim,  $\frac{1}{4}$  dele. Qual era o total? (pg.356)

- 9) "O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novças e beças pertencentes ao patrão das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte". -

O vaqueiro recebe  $\frac{1}{4}$  dos produtos da fazenda: de 340 ca beças de gado, tem direito a .....; de 2 040 arrôbas de café a ..... arrôbas. (pg.109)

#### REGRA DE TRÊS

- 1) Dando-se uma ração a cada soldado, os víveres dariam para 45 dias; para quanto deveria ser reduzida para que os mesmos durassem 15 dias?
- 2) Dispunham de 3 dias para vencer 12 000 m; qual deveria ser a caminhada diária para que o mesmo percurso fosse feito em 2 dias?



CENTRO DE INTERESSE

EXPRESSÃO MATEMÁTICAS EM

" OS SERTÕES "

" Um assombro supersticioso sombreou logo nos rostos mais enérgicos. Volveram, atônitos, as vistas para o firmamento ofuscante, varado pelos ramos descendentes das parábolas invisíveis". ( 248)

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

" Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam, subtraem-se ou destroam-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença "; ( 97 )

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

" E empunhando febrilmente o lápis calculista com que floreteava a impaciência geral, permanecia, estéril, na Favela: somando, subtraindo, multiplicando, e dividindo; pondo em equação a fome, discutindo estupendas soluções sobre cargueiros fantásticos; diferenciando a miséria transcendente; arquitetando fórmulas admiravelmente abstratas com sacos de farinha e malas de carne sêca; idealizando comboios"... ( 392 )

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

" Era pior que cidadela inscrita em polígonos ou blindada de casamatas espessas ". ( 295 ).

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

" O movimento contornante a princípio, ultimar-se-ia em trajetória retilínea; e se fôsse impulsionado com sucessão favorável, os jagunços - mesmo no caso de inteiro desbarate, teriam, francos do reino, três ângulos do quadrante ". ( 398)

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

" Cessava o ataque. Mas de minuto em minuto, com precisão inflexível, caía uma bala entre os batalhões. Variava vagarosamente de rumo, percorrendo a pouco e pouco tôdas as linhas, de um a outro flanco, num giro longo e tortuante, indo e vindo, devagar, trançando ponto a ponto e círculo espantoso"... ( 388)

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

" Viu-se que os jagunços haviam mais uma vez vingado o círculo contante das baionetas". ( 420)

:\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:~\*:

CENTRO DE INTERESSE

" OS SERTÕES "

EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

CADEIRA DE CIÊNCIAS

ALIMENTAÇÃO: Sertanejos - " Esquadrinhava os girais suspensos. Ali estavam carnes secas ao sol; cujas cheias de passoca, a farinha de guerra dos sertanejos; aios repletos de ouricuris saborosos. A um canto os bogós transudantes, tumbidos de água cristalina e fresca. Não havia resistir". ( 298 )

Aio - ( Nordeste ) - bolsa de caça que é feita com fibras de carca.

Bogó - ( Bahia ) - vaso de couro para tirar água de cacimba.

Manelos - porção pequena de qualquer coisa. " Três manelos de passoca e um trago d'água". ( 388 )

ALIMENTAÇÃO: Soldados - " O gado diariamente adquirido - oito a dez cabeças era, porém, um paliativo insuficiente ao minotauro de seis mil estômagos. Carne cozida sem sal em água salobra e suspeita, ou chamuscada em espetos, era quase intregável. As pequenas roças de milho, feijão da vazante e mandioca exauriram-se. Como os retirantes infelizes, os soldados apelaram para a flora providencial. Cavavam os umbuzeiros em roda arrancando-lhes os tubérculos tumbidos, estavam cegos dos ouricuris, ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfaçavam ou iludiam a fome e a sede. Alguns morreram envenenados pela mandioca brava". ( 386 ).

Milho - gramínea anual.

Feijão - leguminosa erecta ou sarmentosa, apresenta inúmeras espécies e variedades.

Mandioca - euforbiácea do Brasil, também chamada sacimandia, maniva, macuba, manihot. ( Mandiog - Tupi guarani). Arbustiva - " pão dos pobres". Contém ácido cianídrico.

Uabú ou Uabu - fruto do umbuzeiro. Árvore anacardiácea, também chamada jique.

Cocos da ouricuri - ou Nicuri ou Aricuri ou Urleuri ou Ariri. Cocos comestíveis. Palmeira de altura média, solvática, prolifera, xerófila, do sertão e do litoral. Caule cilíndrico fornecendo o " bró", farinha após voltada nas secas; as folhas fornecem fibras para chapéus, abanos, esteiras e a preciosa " cera de Nicuri", que constitui uma das riquezas da Bahia. O suco do fruto verde é empregado contra a oftalmia (Dr. A. H. Leal).

Mandacarus - Cactáceas - *Cereus Peruvianus* ou *Jamacaru*. Erectas caídas, espinhosas e xerófitas.

Bró - do côco de ouricuri - " pão sinistro que incha os ventres num afarte ilusório, empanzinando o faminto ". (120).

Xique-xique - Designação de certas cactáceas xerófitas, das regiões áridas do Nordeste, onde serve de alimento para o gado durante as secas prolongadas.

" Reservando para si o sumo adstringente dos cladódios do xique-xique que enrouquece ou extingue a voz de quem o bebe ". (120)

Mangarás - Túberas ( trufas ) - vegetal subterrâneo. Planta aráceas.

" Ainda não se considera vencido. Restam-lhe, para desaltear e sustentar os filhos, os talos tenros, os mangarás das bromélias selvagens ". ( 121 ).

Juás - *Rhamnus*, arborea, fortemente armada, copada, xerófita e rústica. Fôlhas axilares. Frutos - pequenas drupas, edulis que, juntamente com as fôlhas servem de alimento ao gado, mormente na seca. Fruto do juazeiro. Drupas - designação comum a todo fruto carnudo que contém caroço duro, como a cereja, a ameixa etc...

" E nem um *Cereus* avulta mais em tórno, foram ruminadas as últimas ramas verdes dos juás ". ( 121 ).

Macambiras - *Bromelia laciniosa*, xerófita, com longas fôlhas em rosetas, fornecedora de fibras têxteis.

" Trancam-se, porém, ao lado, impenetráveis renques de macambira. É ainda um recurso. Indendeia-os, batendo o isqueiro nas acendalhas das fôlhas ressequidas para os despir, em combustão rápida, dos espinhos ". ( 121 ).

" no pino dos verões, um pé de macambira é para o matute sequioso um copo d'água cristalina e pura ". ( 37 ).

O rizoma da macambira serve de alimentação, por ocasião das secas, tanto aos homens como aos animais.

Ipô - planta brasileira da família das caparidáceas que cresce na região das caatingas. Fôlhas coriáceas, simples, elípticas. Só aceita pelo gado na seca.

" Pequenos arbustos, lezeiros virentes, viçando em tufos intermeados de palmatórias de flôres rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixadeira alta, sobranceando a vegetação franzina ". ( 28 ).

Quixadeira - árvore frutífera da família das sapotáceas - dicotiledôneas, a que serve de tipo a sapota.

" Mumificara, conservando os traços fisionômicos de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquila sono, à sombra daquela árvore benfazeja ". ( 28 ).

Cajueiros - anacardiácea, grande desenvolvimento, mesmo em terrenos secos e áridos. A castanha, quando verde - maturi - é açepipe, e seca, fornece do pericarpo, óleo cáustico de valor industrial. A resina que flue do córtex substitue a goma arábica; e o lenho, excelente madeira.

" São os cajueiros anões, os típicos *anacardium humilis* das chapadas áridas, os cajus dos indígenas ". ( 36 ).

Carcás - Bromeliácea Acaule, robusta, pouco existente e xerófito. Fôlhas radicantes de 2 metros, lancioladas e rijas, fornecendo longas e excelentes fibras têxteis.

Gravatás - Bromeliácea, frutos acre-doces. Diurético e peitoral.

Ananás - Bromeliácea silvestre, de fôlhas rôtas, bordas espinecentes e inflorescência menor que do ananás cultivado.

" Os carcás verdeongos de flôres triunfais e altas, os gravatás e os ananases bravos, trançados em touceiras impenetráveis copiam-lhe a mesma forma adrede deita àquelas paragens estêreis ". ( 37 ).

Nopáleas - Cactáceas, a que pertence o nopal, planta polposa da família dos cactos, na qual se cria a cochonilha.

" Nopáleas e cactus, nativas em tôda parte, entram na categoria das fontes vegetais de Saint Hilaire ". ( 37 ).

As favelas - Euforbiácea abórea das caatingas. Fôlhas longas de bordas irregulares. Flôres alvas em pequenos cachos, axilares e terminais. Seu látex é combustível: alimenta as candeias e é balsamo. "Balsamo do vaqueiro".

" As favelas, anônimas ainda na ciência - ignoradas - dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus - talvez um futuro gênero cauterium das leguminosas, têm, nas fôlhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa". ( 37 e 38 ).

" A mão que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inaterrável ". ( 38 ).

Catingueira - Cesalpinia. Leguminosa arboreta, de fôlhas compostas, bífugas e coriáceas. Flôres amarelas.

" Não podendo revêlar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arrematam-se. São dêste número tôdas as cesalpinas e as catingueiras, constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas". ( 38 ).

Alecrim - arbusto da família das labiadas, cujo tipo é o alecrim comum. *Rosmarinus officinalis*. Exala um cheiro agradável e ativo e dá pela destilação, grande quantidade de óleo volátil.

Secudo de pito - Árvore flacutiácea ( *Capotroche brasiliensis* ), também chamada fruta - de - lepra, por produzir um óleo succedaneo da " chalmogra". Árvore euforbiácea, também denominada taquari. Plantas helictrópicas.

" Os alecrins dos tabuleiros e os canudos de pito, heliotrópicos arbustivos de caule ôco, pintalgados de branco e flôres em esga, destinados a emprestar o nome ao mais lendário dos vilarejos... " ( 38 ).

Cabeça de frade - *Melocactusbabrienses*. Cactácea hemisférica, armadíssima, tendo superiormente um disco circular encarnado. Tem o mesmo apelido a *Mucuna*, que lembra uma coroa de frade.

" Têm como sócios inseparáveis neste habitat, que as próprias orquídeas evitam, os cabeças de frade, delegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, interessantemente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, à imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica". (40).

Quiçã - planta rasteira e espinhosa do Brasil.

" É a vasta família, revestindo todos os aspectos, decaí pouco a pouco, até os quiçãs reptantes, espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; as ripsalides serpêntes, flexuosas, como víboras verdes pelos ramos, de parceria com os frágeis cactos epifitas, de um glauco empallescido, presos por adligantes aos estípites dos ouricuriçeiros, fugindo do solo bárbaro para o remanso da copa da palmeira". (40).

Caatanduva - mata rasteira e espinhosa, nascido em terreno impróprio para a cultura. Nome também de uma árvore de madeira branca.

" É a caatanduva mata doente da etimologia indígena, dolorosamente caída sobre o seu terrível leito de espinhos". ( 40 ).

Tilândsias - gênero de bromélias com mais de 120 espécies na América, nas regiões tropicais e sub tropicais, oscilando da ponta dos ramos secos.

" E, oscilando à ponta dos ramos secos das árvores inteiriçadas, dependuram-se as tilândsias alvacentas, lembrando blocos esgarçados de neve, dando ao conjunto o aspecto de uma paisagem glacial, de vegetação hibernante, nos gelos... " ( 40-41 ).

As amarilla - gênero de plantas, tipo da família das amarilídeas, com posto de grande número de espécies, quase tôdas notáveis pela grandexa, pela forma e pelo brilho das suas flôres, que exalam um aroma suavíssimo. É muito semelhante ao narciso.

" Sobre o solo, que as amarilla atapetam, ressurgue triunfalmente a flora tropical".

Mulungus - leguminosa de bom crescimento. Caule armado; fôlhas encarnadas; lenho levíssimo; córtex peitoral e calmante. Leguminosa papilionácea do gênero *Erythrina*, o mesmo que corticeira.

" Os mulungua rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flôres vermelhas, sem esperar pelas fôlhas". ( 41 ).

Caraibas - cordia caloccephala. Borriginácia arbórea com flôres ovulares, denteadas e alternas, fôlhas campanuladas, albas, em capítulos e fruto drupácio. Lenho para carpintaria.

Baraúna - árvore leguminosa de grande porte, cuja madeira duríssima é muito apreciada em construções. ( Melanoxylon braúna ).

" As caraibas e baraúnas altas reifrescem à margem dos ribeirão refertos ". ( 41 ).

Mariseiros - planta medicinal da família das leguminosas. Geoffroya inermis; espécie; espécie arbustiva com fôlhas fétidas, tida como vermífuga.

" Ramalham, ressonantes, os mariseiros esgalhados, à passarem das virações suaves ". ( 41 ).

Umburana ou inburana - árvoreburserácea, da família das dicotiledôneas.

" As umburanas perfumam os ares filtrando-os nas frondes enfolhadas ", ( 41 ).

Jurema - árvore leguminosa-mimosácea. Gaule armado; fôlhas bipinadas, flôres em glomérulos. Vagem longa, apeteçada pelos símicos. Madeira para construções. Córteç amargo e adstringente.

" As juremas, prediletas dos caboclos - o seu hachich capitoso, fornecendo-lhes, grátis, inestimável beveragem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro mágico - derramam-se em sebes, impenetráveis tranqueiras disfarçadas em fôlhas diminutas ". ( 43 ).

Palmatórias do inferno - Figueira - de barbaria; planta cactácea, arbustiva, de fruto espinhoso e comestível - Opuntia ficus indica.

" Aqui, ali outras modalidades: as palmatórias do inferno, opuntias de palmas diminutas, diabólicamente erriçadas de espinhos, com o vivo carmin das cochonilhas que alimentam ". ( 40 ).

OBSERVAÇÃO: - Ler todo o capítulo das Caatingas - páginas 34 - 43.

////////////////////  
+TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTT+  
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTT

CENTRO DE ESTUDOS

" OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

C A D E I R A D E H I S T Ó R I A

OBJETIVOS: a) Fornecer aos alunos conhecimentos sôbre:

- 1) origem do homem americano
- 2) origem da população brasileira, especialmente o jagunço (sertanejo)

b) Fornecer meios para estabelecerem relações entre o homem e o meio na:

- 1) defesa de seu território
- 2) defesa de sua aldeia.

c) Fazer comparações sempre que possível com outras guerras já estudadas, como por exemplo a Guerra do Paraguai; habitações da região com as de outros povos conhecidos, etc..

DESENVOLVIMENTO: I - Complexidade do problema etnológico do Brasil ( 59)

- a) origem do homem Americano
- b) raças formadoras de nossa população: índio  
negro  
branco

c) tipos característicos

d) influências regionais e climáticas

e) " não temos unidade de raça" - ( 70,616)

II- Influência do meio sôbre o homem e sua reflexão na História ( 73,77)

- a) Colonização do Brasil - as sociedades formadoras
- b) penetração pelos sertões-bandeirantes no nordeste
- c) os heróis do nordeste - defesa do território.
- d) separação do sul e norte: sulistas- arrojadados lutadores  
nortistas- falta de estímulos.

III - O jagunço - antecedentes históricos

- a) Primeiros povoadores - mestiçagem: invasores  
degredados  
colonos  
índios  
negros

- b) Companhia de Jesus: ação catequética  
aldeamentos  
integração das tribus

1) - Gênese do jagunço ( 84)

- a) tipos característicos: bandeirante  
jesuita  
vaqueiro ( mestiço)
- b) causas da mestiçagem do sertanejo: concessões de  
sesmarias.  
concorrência  
proibição de relações comerciais  
carta de 7-2-1701  
meio físico: flora, clima, seca  
solo estéril

2) - O sertanejo ( 101 )

- a) caracteres físicos e morais ( Hércules - Quasimodo)
- b) vaqueiro do norte antítese do gaúcho do sul: meio  
vestimenta  
caráter.
- c) religião do sertanejo ( 122)
- mestiçagem de crenças  
influência católica - portugueses  
crendices e superstições : negros , índios  
culto aos mortos

IV - A figura de Antonio Conselheiro ( 131)

- a) sociedade - meio - caráter - religião - "delegado dos  
ceus"
- b) Genealogia - os Macieis .
- c) Brigas entre as duas famílias - Macieis e Araujos(136)
- d) Família de Antonio Conselheiro: Helena Maciel  
Vicente Maciel  
mulher( grande vergonha).
- e) Como se faz um monstro ( 142)
- f) O evangelizador - peregrinações e martírios ( 144,145,  
152)
- g) retrato do Conselheiro ( 185 )  
O Sebastianismo  
Combate à República.

V - Canudos - centro de operações de Antonio Conselheiro

- a) aspectos da aldeia - topografia ( 167)
- b) habitantes - o jagunço
- c) economia da região
- d) religião ( 166 à 180 )



( mapa-163)

( comparação entre os casebres de Canudos e as habitações dos gauleses e peles vermelhas )

e) Pregações contra a República ( 181-183)

VI - A Luta ( 193 )

a) Antecedentes

b) causas ( 199)

c) primeiro combate ( 206 )

d) segundo combate ( 210 )

Monte Santo ( 223 )

Marcha para Canudos ( 234 até 239)

1) Primeiro encontro ( 239 )

2) segundo combate ( 244 )

e) O coronel Moreira Cesar e sua expedição ( 259, 260, 261 e 266)

Marcha para Canudos ( 269)

Expectativa dos jagunços ( 270)

Partida para Monte Santo ( 276 )

Coronel Tamarindo - retirada (304, 305, 306, 307)

Debandada - morte de Tamarindo ( 309 até 323)

f) Quarta expedição ( 317 )

Ação da imprensa ( 319 )

estava em jogo, em Canudos, a sorte da República  
( 325)

marcha para Canudos ( 338 até 354 )

o trabalho de Siqueira de Menezes ( 336 )

trincheiras dos jagunços ( 350)

as lutas ( 354, 358 )

as tropas do general Savaget ( 359)

Coronel Carlos Teles ( 360)

as cargas de baionetas ( 367, 376, 377)

g) A batalha crônica ( 380, 396)

ataque contra o arraial ( 397, 421)

tocais dos jagunços ( 408 )

notícias telegráficas ( 420 )

consequências da luta ( 422, 439 )

novos reforços - general Girard ( 441, 443 )

Marechal Bittencourt ( 44, 455)

Canudos ( 451 )

h) Nova fase da luta ( 459 )

divisão auxiliar - general Carlos Eugênio ( 478)

i) Canudos ( 483, 487)

consequências das lutas ( até 514)

morte do conselheiro ( 489, 534, 542)

ruínas de Canudos ( 515)

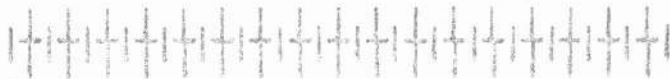
réplica dos jagunços ( 525 )

j) Fim das lutas ( 540 )

CONCLUSÃO

Material : mapas

Bibliografia: " Os Sertões " - Euclides da Cunha



CENTRO DE ESTUDOS

" OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

C A D E I R A DE GEOGRAFIA

I - A TERRA

A - Planalto Central

- 1)-Geologia - ( 3,4,5,14,15,16,18,19,362,363)
  - a) mapa geológico ( 5 )
- 2)-Relêvo - mapa ( 22,23,129,459,476)
  - a) S. Mantiqueira e do Espinhaço - ( 4,6)
  - b) Serra do Mar ( 4 )
  - c) Planalto Meridional ( 4 )
  - d) Planalto Baiano ( 7 )
  - e) Chapada Diamantina ( 8 )
  - f) Planalto Nordestino ( 9,19)
  - g) Altiplanos e chapadões ( 78, 362)
- 3)-Intemperismo - aplainamento da região ( 3,7,16)
- 4)-Acidentes do litoral: recifes e angras ( 3,15,16)
- 5)-Clima
  - a) fenômeno das sêcas ( 27 a 37)
  - b) Hipóteses ( 31)
  - c) Contra a sêca ( 51-55)
  - d) Deserto ( 119)
  - e) Sêcas: ventos, friagem ( 39,63,64,71,116,117  
119)
- 6) Vegetação
  - a) Mapa da flora ( 67 )
  - b) Distribuição da flora ( 3,12,13,40,41 a 50,  
34,38,55,117,212,213)
  - c) Aspectos gerais ( 34 a 43)  
( espécies)
- 7) Hidrografias ( drenagem )
  - a) Descrição dos rios ( 13,14,16,17,9,10,19,  
20,86,87,344) Cita os  
rios da região.
  - b) Rios: Vaza Barris ( Irapiranga) ( 9)  
S. Francisco ( 9,86,87)

Itapicuru ( 10,19,20)

Pagou ( 34)

## II - O HOMEM

- 1)- Raças ( 69,77,98,99)
- 2)- Grupos étnicos:
  - a) jagunço ( 84, 106)
  - b) mulato ( 82)
  - c) curiboca
- 3)- Influências:
  - a) meio físico ( 64,65 )
  - b) econômica ( 60 )
  - c) clima ( 62 )
- 4)- Outras influências ( 18,49,65)
- 5)- Diferença entre NE e S. ( 38)
- 6)- Povoamento
  - a) fatores ( 67,68,69,79, 70 até 75)  
( humanos e outros fatores)
  - b) Centros urbanos ( 90,91,127,129,126,10,12,160 a 168,270)
- 7)- Sertanejo ( 101,102)
  - a) retrato antropológico ( 79,80)
  - b) vaqueiro ( 81,82,88,104,107)
  - c) retrato psicológico ( 103,106)  
( diferença com o gaúcho)
- 8)- Gêneros de vida ( 108,109)
  - a) vaquejada ( 110 à 113)
  - b) atividades dos vaqueiros ( 112,114,115,129,139)
- 9)- Religião - ( 122 à 124, 175, 178,179,253,275)
- 10)- Cidades:
  - a) Canudos ( 160 à 168)
  - b) Monte Santo ( 127)
  - c) Queimadas ( 459)
- 11) Meios de comunicação:
  - a) jornal ( 418,419)
  - b) Telégrafo ( 420,421)

//////////

TTTTTTTTTTTTTTTT

CENTRO DE ESTUDOS

" OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

CADREIRA DE GEOGRAFIA

I - A TERRA

A - Planalto Central

- 1)-Geologia - ( 3,4,5,14,15,16,18,19,362,363)
  - a) mapa geológico ( 5 )
- 2)-Relêvo - mapa ( 22,23,129,459,476)
  - a) S. Mantiqueira e do Espinhaço - ( 4,6)
  - b) Serra do Mar ( 4 )
  - c) Planalto Meridional ( 4 )
  - d) Planalto Baiano ( 7 )
  - e) Chapada Diamantina ( 8 )
  - f) Planalto Nordestino ( 9,19)
  - g) Altiplanos e chapadões ( 70, 362)
- 3)-Intemperismo - aplainamento da região ( 3,7,16)
- 4)-Acidentes do litoral: recifes e angras ( 3,15,16)
- 5)-Clima
  - a) fenômeno das sêcas ( 27 a 37)
  - b) Hipóteses ( 31)
  - c) Contra a sêca ( 51-55)
  - d) Deserto ( 119)
  - e) Sêcas: ventos, friagem ( 39,63,64,71,116,117  
119)
- 6) Vegetação
  - a) Mapa da flora ( 67 )
  - b) Distribuição da flora ( 3,12,13,40,41 a 50,  
34,38,55,117,212,213)
  - c) Aspectos gerais ( 34 a 43)  
( espécies)
- 7) Hidrografia: ( drenagem )
  - a) Descrição dos rios ( 13,14,16,17,9,10,19,  
20,86,87,344) Cita os  
rios da região.
  - b) Rios: Vaza Barris ( Irapiranga) ( 9)  
S. Francisco ( 9,86,87)

Itapicuru ( 10,19,20)

Paçou ( 34)

II - O HOMEM

- 1)- Raças ( 69,77,98,99)
- 2)- Grupos étnicos:
  - a) jagunço ( 84, 106)
  - b) mulato ( 82)
  - c) curiboca
- 3)- Influências
  - a) meio físico ( 64,65 )
  - b) econômica ( 60 )
  - c) clima ( 62 )
- 4)- Outras influências ( 10,49,65)
- 5)- Diferença entre NE e S. ( 88)
- 6)- Povoamento
  - a) fatores ( 67,68,69,79, 70 até 75)  
( humanos e outros fatores)
  - b) Centros urbanos ( 90,91,127,129,126,10,12,160 a 168,270)
- 7)- Sertanejo ( 101,102)
  - a) retrato antropológico ( 79,80)
  - b) vaqueiro ( 81,82,88,104,107)
  - c) retrato psicológico ( 103,106)  
( diferença com o gaúcho)
- 8)- Gêneros de vida ( 108,109)
  - a) vaquejada ( 110 à 113)
  - b) atividades dos vaqueiros ( 112,114,115,129,139)
- 9)- Religião - ( 122 à 124, 175, 178,179,253,275)
- 10)- Cidades:
  - a) Canudos ( 160 à 168)
  - b) Monte Santo ( 127)
  - c) Queimadas ( 459)
- 11) Meios de comunicação:
  - a) jornal ( 418,419)
  - b) Telégrafo ( 420,421)

////////////////////

TTTTTTTTTTTTTTTT

CENTRO DE INTERESSE

" O S S E R T Õ E S " - EUCLIDES DA CUNHA

22ª E D I Ç Ã O

1 9 5 2

CATOLICISMO DE FOLK

FOLK - LORE

Folk - povo

Lore - ciência

Ciências das tradições e usanças populares. Conjunto das tradições, poemas e lendas populares de um país.

CAAPORA - tupi - entre os índios, homem do mato; tornou-se duende para os settajejos.

SACI - ser fantástico que, segundo a credice popular, se representa por um negrinho cachimbador, de uma perna só, às vezes de barrete vermelho, e que se diverte em perseguir os viajantes ou armar-lhes ciladas pelos caminhos: " Batuques de capetas, rodopios de curupiras e sacis em desta ". ( Bilac ). Também lhe chamam saci-pereê, saci-cecerê e matimpererê.

Ave cuculídea, de canto monótono e incomodo ( Tapera Naevia). -- " O saci gritava de espaço em espaço, nas proximidades dos dendezeiros ( Xavier Marques, Sargento Pedro ). Também lhe chamam fenfêm, crispim, matinta pereira, matitaperê, peitica, peito-fendo, roceiro-planta, sêco-fico, sêde-sêde, sem-fim e tempo-quente.

CAAPORA em Guarani. Em " bras ", caipora mau espírito da floresta, representado de diversas maneiras, ora em figura de mulher unípede, ora como um indiozinho escuro, fumando cachimbo, ora com olhos de brasa, cavalgando caititu, e ainda, como um gigante enorme. É o protetor da caça e reina sobre todos os animais.

CAA-PORA ( Habitantes da mata )

LOBISOMEM - criação fantástica da credice popular, que consiste em um homem transformar-se em lobo, o qual anda errante de noite até que - qualquer o fira para terminar o seu fadário.

MULA-SEM-BABEÇA - segundo a credice popular, concubina de padre que às sextas-feiras se muda em mula sem cabeça e sai a assombrar a quem encontra, lançando fogo pelas narinas e relinchando longamente, apesar de a dizerem sem cabeça. ( 125 )

O REI DE PENAMACOR - Nome por que é conhecido na história um impostor, filho de um oleiro de Alcobaça, que, com auxílio de dois cúmplices, tentou em Penamacor ( 1584 ) explorar a credulidade pública, fazendo-se pas-

CONTINUA

sar por D. Sebastião, rei de Portugal. Prêso e condenado a remar nas galés, embarcou a bordo da Invencível Armada, e, quando esta passou junto às costas de França, logrou escarpá-se. Nunca mais se soube d'êle (Sec. - XVI).

O REI DA ERICEIRA, nome por que ficou conhecido na história um dos quatro impostores que tentaram fazer-se passar por D. Sebastião. Chamava-se Mateus Alvares, era filho de um pedreiro Açoriano e fizera-se eremita na Ericeira. Foi enforcado em 1585. ( 124 ).

BANDARRA. Gonçalo Anes - sapateiro e poeta popular, autor de trovas, que parece profetizarem, em linguagem tão incorreta, como obscura, graves sucessos políticos e, entre outras cousas, o regresso de D. Sebastião. Perseguido pelo Santo Ofício, foi exposto em cadafalso, durante o auto-defé em 1541, e aí leu uma retratação de que escrevera, escapando só assim à fogueira inquisitorial ( 1550 - ou 1556 ).

HANÇAS - indígenas do Sudão.

CANDONBLÉS - festas religiosa dos negros jeje-nagôs, tradicionalmente mantida pelos seus descendentes e mestiços.

PORACÊ - dança indígena exclusivamente masculina.

|||||

" A sua religião é como êle - mestiça. Resumo dos caracteres físicos e fisiológicos das raças que surge, sumaria-lhes identicamente as qualidades morais. É um índice da vida de três povos. E as suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas. É desnecessário descrevê-las. As lendas arrepiadoras do CAAPORA travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caítitu arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas feiras, de parceria com os lobisomens e mulas sem cabeça noctívagos; todos os malassombramentos, tôdas as tentações do maldito ou do diabo-êsse trágico emissário dos rancores celestes em comissão na terra; as rezas dirigidas a S. Campeiro canonizado in partibus, ao qual se acendeu velas pelos campos, para que favoreça a descoberta de objetos perdidos; as benzeduras cabalísticas para curar os animais, para amassar e vender sezões; tôdas as vialidades, tôdas as aparições fantásticas, tôdas as profecias esdruxulas de messias insanos; e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências ... tôdas as manifestações complexas de religiosidade indefinida, são explicáveis ( 122-123 ).

"Eram parcelas do mesmo povo em Lisboa, sob a obsessão dolorosa dos milagres e assaltado de súbitas alucinações, via sob o paço dos reis, ataúde agoureiros, línguas de flamas misteriosas..." ( 124 )

" ... irresistivelmente nos assaltam, empolgantes, as figuras dos profetas peninsulares de outrora - o rei de Penamacor, o rei da Ericeira errantes pelas faldas das serras, devotados ao martírio, arrebatando na mesma idealização, na mesma insânia, no mesmo sonho doentio, as multidões erendeiras " ( 124 ) .



" Imóvel o tempo sôbre a rústica sociedade sertaneja despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encalçavam, doudos, o miguelinho ou o Bandarra(124).

" É que, mesmo em períodos normais, a sua religião é indefinida e -  
vária. Da mesma forma que os negros Hanssás, adaptando à liturgia todo o ritual Jombano, realizam o fato anômalo, mas vulgar mesmo na capital da Bahia, de seguirem para as solenidades da Igreja por ordem dos fetiches, - os sertanejos, herdeiros infelizes de vícios seculares, saem das missas consagradas para os ágapos selvagens dos candomblés africanos ou poracês de tupi. Não espanta que patenteiem na religiosidade indefinida, antinomias surpreendentes ". ( 125 ).

" O culto dos mortos é impressionador. Nos lugares remotos, longe dos povoados, inunam-nos à beira das estradas, para que não fiquem de todo em abandono, para que os rodeiem sempre as preces dos viandantes..." ( 125 ).

" A terra é um exílio insuportável, o morto um bem-aventurado sempre. O falecimento de uma criança é um dia de festa. Ressoam as violas na cabana dos pobres pais, jubilosos entre as lágrimas..." ( 125 )

" No entanto há traços repulsivos no quadro desta religiosidade de aspectos tão interessantes, aberrações brutais, que a derrancam ou maculam. ( 126 )

Ler com atenção - A " Pedra Bonita " e Monte Santo ( 126,127). E - mais ainda, as " Missões Atuais ". ( 129 )

" Ao fundo do único quarto, um oratório tosco. Neste, copiando a mesma feição achamboada do conjunto, Santos mal acabados, imagens de linhas duras, a objetivarem a religião mestiça em traços incisivos de manípulos: Santo-Antônios proteiformes e africanizados, de aspecto bronco, de fetiches; Marias-Santíssimas feias como megeras..." ( 164 )

- - - - -  
Do céu veio uma luz  
Que Jesus-Cristo mandou.  
Santo Antônio Aparecido  
Dos castigos nos livrou !

Quem ouvir e não aprender  
Quem souber e não ensinar  
No dia do Juizo  
A sua alma penará. ( \* )

(\*) Silvio Romero - a poesia popular no Brasil

O Escriitor transcrevia aquelas quadras em 1879, precedendo-as com o seguinte comentário: " Era um missionário a seu jeito. Com tão poucos recursos fanatizpu as povoações que visitou que o tinha por Santo Antonio Aparecido . Já em 1879 !. . .

CENTRO DE INTERESSE

"OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

CADEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Canções Folclóricas do Nordeste

- 1ª) - ABÓIO ( Vale do São Francisco )
- 2ª) - EU VÔ PARA A BAHIA ( Cantiga de Roda)
- 3ª) - É UM TATA ( Candomblé )
- 4ª) - CAMALEÃO ( Canto de Roda )

Livros: " Canta Brasil "

" Canto da Juventude "

Musicografia e arranjos do maestro Vicente Aricó Junior.  
Folclóre colhido por Dr. Alceu M. Araujo

////////////////////

" Apenas, de longe em loge, nas raras encamisadas, em que os des-  
cantes da viola o maturo deslembra as horas fatigadas". ( 105 )

" Extintas as horas do folguedo, o sertanejo perde o desgarré fol-  
gazão - largamente expandido nos sapateados, em que o estado sêco das al-  
percatas sôbre o chão se parte nos tímidos das esporas e soalhas dos pan-  
deitos, acompanhando a cadência das violas vibrando nos rasgados". ( 105 )

" E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga,  
que parece acalentá-los, embalando-os com o refrão monótono:

E cou mansão

E cou. . . é cão! . . .

ecoando saudoso nos descampados mudos... " ( 112 )

"Seguem para as vilas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mou-  
raenas, divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem  
intáctos, com os mesmos programas de há três séculos. E entre êles a exó-  
tica encamisada, que é o mais curioso exemplo do afêrro às mais remotas  
tradições" ( 114 )

" Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretés ruidosos, os  
solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no  
choradinho ou baião, e os casados levando tôda a obrigação, a família" (115)

" Nos intervalos travam-se os desafios.

Enterreiam-se, adversários, dous cantores rudes. As rimas saltam e  
casam-se em quadras muita vez belíssimas.

( Continua )

Nas horas de Deus, amém,  
Não é zombaria, não !  
Desafio o mundo inteiro  
Pra cantar nesta função" ( 115 )

"O adversário retruca logo, levantando-lhe o último verso da quadra.

Pra cantar nesta função  
Amigo, meu camarada,  
Aceita teu desafio  
A fama dêste sertão" ( 115 )

/§/§/§/§/§/§/§/§/§/§/§/

||||||||||||||

CENTRO DE INTERESSE

" OS SERTÕES - EUCLIDES DA CUNHA

22ª EDIÇÃO

1952

CADEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FEMININA

- DANÇAS: a) Sapateado  
b) Baião  
c) cateretê

SAPATEADO - dança popular em que se bate com os taçoes e também as biqueiras das botinas no chão e com ruído.

BAIÃO - dança nordestina. Chama-se também " baião" a música.

CATERETÊ - dança rural do sul, em que os bailadores evoluem ao som de palmas e bate-pés, guiados pelos violeiros.

Alguns autores, entre eles, Stradelli, consideram o cateretê como de origem indígena; outros, como Artur Ramos, de origem africana.

" Extintas as horas de folgado, o sertanejo perde o desgarre folgazão - largamente expandido nos sapateados, em que o estalo seco das alpercatas sobre o chão se parte nos tinidos das esporas e soalhas dos pandeiros." ( 105 )

" Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, fêmeas no desafio, sobraçando os machetes que vibram no choradinho ou baião. ( 115 )



CENTRO DE INTERESSE

" O S S E R T Õ E S " - EUCLIDES DA CUNHA

22ª E D I Ç Ã O

1 9 5 2

CADEIRA DE TRABALHOS MANUAIS E DESENHO

A) - TRABALHOS EM XILOGRAVURA:

" Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura ". ( 113 )

Equipe Almeida Junior

\*\*\*\*\*

" E ali estacou feito um animal fantástico aprumado sôbre a ladeira ". ( 29 )

Equipe Oswaldo Cruz .

\*\*\*\*\*

" Surge na Bahia o anacoreta sombrio " ( 142 )

Equipe D. Pedro II.

\*\*\*\*\*

EM PINTURA A ÓLEO NA MADEIRA

" Canudos não se rendeu " ( 142 )

Equipe Guilherme de Almeida.

\*\*\*\*\*

B) - REPRODUÇÃO DOS OBJETOS ENCONTRADOS PELA SOLDADESCA:

Bentinhos, crucifixos, figas, rosários, balaios de taquara, baús, bancos e giráus grosseiros, berços de cipó, pilão...

" Soldadesca varejando as casas pusera fora , às portas, entupindo os becos em monturos, tôda a ciscalhagam de trastes em pedaços , de envolta com forragens de mûlambos inclassificáveis; pequenos baús, de cedro, bancos e giráus grosseiros; redes em fiapos, berços de cipó e balaios de taquara, jacas sem fundo; roupas de agodão de côr indefinível; vasilhames amassados, de ferro, caqueiradas de pratos e xícaras e garrafas, oratórios de todos os feitios, bruacas de couro crú; alpercatas imprestáveis; candieiros amolgados de azeite, canos entrondados, de trabuco, lascas de ferrões ou fueiros; caxerenguengues rombos..." (516)



